

adf

AFRICA DEFENSE FORUM

DETENDO A EXPANSÃO

Exércitos
Trabalham para
Impedir que Grupos
Terroristas
Ganhem Terreno

Grupos Extremistas
Voltam-se para os Drones para
Ataques de Baixo Custo

PLUS

Uma Conversa Com o Comandante da Força da MINUSCA,
Tenente-General Humphrey Nyone

VISITE-NOS EM ADF-MAGAZINE.COM



reportagens

- 8 O Epicentro Global do Terror**
Uma visão geral da forma como a violência extremista ameaça o continente africano
- 14 Drones do Terror**
A disseminação de armas aéreas de baixo custo nivela o campo de acção e facilita ataques
- 20 'Resultados Tangíveis, Não Apenas Conversa'**
Uma conversa com o Tenente-General Humphrey Nyone, da Zâmbia, Comandante da Força da MINUSCA
- 26 Grupos Terroristas Adaptam-se Para Continuarem Letais**
Ao fazerem eco das queixas locais e ao expandirem as fontes de rendimento, os extremistas escapam aos esforços antiterroristas
- 32 Desactivando a Ameaça**
Dispositivos explosivos improvisados prolongam conflitos e destroem vidas. Como é que podem ser contidos?
- 38 A Polícia e o Povo**
Um forte policiamento comunitário pode ser vital na luta contra o extremismo
- 44 Uma Insurgência Obstinada**
Somália caminha para a auto-suficiência em matéria de segurança, mas o al-Shabaab continua perigoso e resistente
- 50 Extremismo Alastra-se a Partir do Sahel**
As iniciativas regionais são a chave para travar a expansão



30

colunas

- 4 Pontos de Vista
- 5 Perspectiva Africana
- 6 África Hoje
- 30 Batimento Cardíaco Africano
- 56 Ferramentas da Profissão
- 58 Força Futura
- 60 Defesa e Segurança
- 62 Manutenção da Paz
- 64 Trabalho em Equipa
- 66 Retrospectiva
- 67 Onde Estou?



**A Africa Defense Forum
está disponível online**

Visite-nos em adf-magazine.com



NA CAPA

Um soldado costamarfinense passa para a frente num exercício de combate ao terrorismo durante o Exercício Flintlock em Abidjan.

FORÇA AÉREA DOS EUA

O terrorismo é um crime de oportunidade. Os grupos terroristas globais procuram as zonas mais vulneráveis do mundo e aí colocam as suas bandeiras.

Os países com fronteiras porosas, conflitos étnicos, negligência governamental e uma população jovem e frustrada são propícios à exploração. A África não é poupada por este fenómeno global.

Em Moçambique, no Sahel, na Somália e na costa ocidental de África, os extremistas estão activos e procuram expandir-se. O Sahel é actualmente o epicentro mundial do terrorismo, sendo responsável por 43% das mortes por terrorismo em 2023. Em 2007, esse número era de apenas 1%.

O Burquina Faso está no centro da tempestade de terror do Sahel. Mais de metade do país está fora do controlo do governo, 2 milhões de pessoas estão deslocadas e 3 milhões passam fome. Um massacre em Agosto de 2024, que terá causado a morte de cerca de 600 pessoas na cidade de Barsalogo, chocou uma nação que já estava a sofrer com ondas de violência. Os grupos humanitários chamam-lhe “a crise mais negligenciada do mundo.”

Então, qual é a resposta? Após três décadas de luta contra o terrorismo no continente, ficou claro que algumas estratégias são eficazes e outras necessitam de ser reestruturadas.

As abordagens de toda a sociedade que tratam das causas profundas do terrorismo, como a estratégia multifacetada empregue no norte da Costa do Marfim, provaram ser eficazes. Neste país, as forças armadas criaram bases na zona fronteira para impedir que os terroristas tenham um refúgio seguro, mas esta não é apenas uma abordagem militar. A Costa do Marfim investiu em programas de formação profissional e empréstimos para pequenas empresas. Apoiou o diálogo comunitário para promover a compreensão e os sistemas de alerta precoce para identificar ameaças. O objectivo é criar uma região estável e próspera que seja inóspita para os grupos terroristas.

Esta estratégia contrasta fortemente com a dos governos liderados por juntas militares que utilizam táticas de mão pesada e se associam a mercenários que não prestam contas. Esta abordagem não só não consegue travar o terrorismo como ainda o exacerba. Em cada país saheliano derrubado, as promessas de segurança foram seguidas de um aumento dos ataques terroristas e de um aumento da violência contra civis. Estas soluções unidimensionais não podem resolver um problema multidimensional como o terrorismo.

À medida que os países procuram estabelecer planos de combate ao terrorismo, é vital que trabalhem com nações parceiras além-fronteiras, partilhem as melhores práticas e reforcem as alianças. Os grupos terroristas do Sahel prometem alargar o seu alcance. Pretendem ocupar o território costeiro e aumentar as suas fileiras através do recrutamento de jovens descontentes. Os países que apresentarem uma frente unificada e atacarem o terrorismo de forma holística têm as melhores hipóteses de travar a sua propagação.

Equipa do Comando Africano dos Estados Unidos

Soldados das Forças de Defesa do Quênia treinam durante o exercício militar Justified Accord em Nanyuki, Quênia.

SARGENTO DE 1ª CLASSE LERON RICHARDS/
EXÉRCITO DOS EUA



Combate ao Terrorismo Volume 18, 1º Trimestre

COMANDO AFRICANO
DOS ESTADOS UNIDOS



CONTACTOS:

U.S. AFRICA COMMAND

Attn: J3/Africa Defense Forum
Unit 29951
APO-AE 09751 USA

ADF.Editor@ADF-Magazine.com

**HEADQUARTERS
U.S. AFRICA COMMAND**

Attn: J3/Africa Defense Forum
Geb 3315, Zimmer 53
Plieningen Strasse 289
70567 Stuttgart, Germany

Africa Defense Forum (ADF) é uma revista militar profissional que serve como um fórum internacional para militares e especialistas em segurança em África. As opiniões expressas nesta revista não representam necessariamente as políticas ou pontos de vista deste comando ou de qualquer outra agência governamental dos EUA. Certos artigos são escritos pela equipa da ADF, e os créditos para outros conteúdos são anotados conforme necessário. A secretaria de defesa determinou que a publicação desta revista é necessária para difundir assuntos de natureza pública exigidos por lei ao Departamento de Defesa.

Um Novo Contrato Social para Combater o Terrorismo

Amina J. Mohammed, da Nigéria, é vice-secretária-geral das Nações Unidas e presidente do Grupo de Desenvolvimento Sustentável das Nações Unidas. Discursou no dia 22 de Abril de 2024, na Reunião Africana de Alto

Nível sobre o Combate ao Terrorismo, em Abuja, Nigéria. O tema foi “Reforçar a cooperação regional e o desenvolvimento institucional para fazer face à ameaça evolutiva do terrorismo em África.”

Os seus comentários foram editados por questões de espaço e clareza.



Alguns dos corpos de pelo menos 100 pessoas mortas por supostos extremistas do Boko Haram são transportados para serem enterrados em Tarmuwa, na Nigéria, em Setembro de 2024.

THE ASSOCIATED PRESS



O terrorismo continua a representar uma ameaça significativa para a paz, a estabilidade e o desenvolvi-

mento sustentável a nível mundial.

As mortes devidas ao terrorismo no mundo aumentaram para 8.352 em 2023, um aumento de 22% em relação ao ano anterior e o nível mais elevado desde 2017. O epicentro do terrorismo deslocou-se do Médio Oriente e da África do Norte para a África Subsariana, concentrando-se em grande parte no Sahel.

A situação em África é terrível, com alguns dos grupos terroristas mais violentos a operarem no Sahel. A região é actualmente responsável por quase metade de todas as mortes causadas pelo terrorismo a nível mundial.

Pode dizer-se que os terroristas não nascem, mas são criados em ambientes de exclusão social, de desigualdade e de relegação dos direitos humanos.

Permitam-me partilhar algumas reflexões sobre a forma como podemos reforçar a nossa resposta ao terrorismo:

Em primeiro lugar, temos de resolver as causas profundas que conduzem ao terrorismo primeiro — a ausência de desenvolvimento com as pessoas no centro da definição de políticas. Os terroristas encontram um lar acolhedor junto

de pessoas profundamente desiludidas, excluídas e desesperadas. As crises entre agricultores e pastores são um sintoma trágico. Temos de formular respostas que melhorem essas condições.

Ao fazê-lo, temos de prestar atenção às nossas mulheres e raparigas, que sofrem o maior impacto da insegurança; às vítimas do terrorismo, que merecem a nossa solidariedade e que têm direito a reparação e cura; e à nossa juventude e às gerações futuras. Com os nossos jovens a tornarem-se o maior grupo da demografia mundial, temos de investir nas suas capacidades e aspirações.

Em segundo lugar, temos de trabalhar para reconstruir o contrato social em toda a região. O contrato social — o vínculo entre as pessoas e as autoridades que as governam — foi desgastado por décadas de subinvestimento, crises e corrupção.

A reconstrução do nosso contrato social é essencial para a recuperação. Significa construir instituições democráticas fortes e promover uma governação centrada nas pessoas, assente nos direitos humanos, e garantir o acesso de todas as pessoas aos serviços básicos e ao desenvolvimento inclusivo.

Temos de aumentar a partilha de informações e a colaboração entre governos e agentes de segurança para além das

nossas fronteiras. Quando reúnem os seus recursos, os seus cidadãos obtêm melhores resultados. Isso é vital e crítico para reconstruir as nossas defesas contra o terrorismo.

Uma questão que é frequentemente ignorada é a dor e o sofrimento que as vítimas sofrem durante e após a carnificina. A prestação de cuidados de saúde mental e de apoio psicossocial às vítimas e aos sobreviventes é essencial para curar e ultrapassar o trauma, a dor e o sofrimento.

Recordo a história angustiante da mulher que fugiu tragicamente de um ataque do Boko Haram com o seu bebé. No seu desespero, fez uma escolha que nenhuma mulher deveria ter de fazer. Atirou o seu bebé ao rio, esperando, contra toda a esperança, que alguém, algures, oferecesse refúgio e segurança à sua inocente criança. Estas cicatrizes não são fáceis de sarar.

Por conseguinte, nos nossos esforços para prestar apoio à saúde mental, temos de envolver a nossa comunidade e os líderes religiosos e tradicionais, que desempenham um papel vital na criação de espaços seguros e na promoção da recuperação.

Juntos, podemos construir um futuro mais seguro para todos os africanos e para o mundo.



A CEDEAO GARANTE QUE O GOLFO SEJA 'DOMÍNIO SEGURO' COM EXERCÍCIO

EQUIPA DA ADF

A Comunidade Económica dos Estados da África Ocidental levou a cabo a Operação Domínio Seguro III, destinada a manter o Golfo da Guiné livre de pirataria e tráfico.

O bloco regional da África Ocidental, conhecido como CEDEAO, inclui 12 países costeiros entre os seus 15 membros. A terceira edição do evento de formação em matéria de segurança marítima decorreu de 5 a 9 de Agosto de 2024, em Cotonou, no Benin.

O exercício incluiu vigilância marítima e aérea, formação de intervenção de unidades operacionais, inquéritos e intercâmbios de conhecimentos e investigação. O Centro Multinacional de Coordenação Marítima (MMCC) do bloco regional para a Zona E liderou o evento. A zona E é constituída por Benin, Nigéria e Togo.

“Os objectivos do exercício são três: combater os crimes marítimos através de equipamento, formação e partilha de informações; promover a troca de informações e a cooperação; e criar um ambiente seguro para o comércio marítimo, impulsionando assim o comércio e o crescimento económico,” Aniedi Aniedu Ibok, Director da Zona E do MMCC e Comodoro da Marinha Nigeriana, disse no seu discurso de abertura. “A missão do centro é reforçar as actividades que visam a cooperação, a coordenação, a partilha e a interoperabilidade dos recursos entre os Estados-membros da Zona E.”

O evento faz parte da estratégia marítima integrada da CEDEAO, que o bloco adoptou em 2014 para enfrentar os desafios da segurança marítima transnacional e os seus efeitos no desenvolvimento económico.

Formandos praticam o embarque durante a Operação Domínio Seguro III, em Agosto de 2024. CEDEAO

“Perante as ameaças de pirataria, de assaltos à mão armada no mar e de actividades marítimas ilícitas, a CEDEAO decidiu mobilizar os seus recursos e coordenar os seus esforços para proteger o seu espaço marítimo,” disse Ibok. “Estas ameaças têm implicações significativas para a estabilidade económica e o desenvolvimento da nossa economia azul.

“A nossa resposta através do Domínio Seguro III reflecte o nosso empenho inabalável em neutralizar estas ameaças e criar um ambiente marítimo seguro que conduza ao comércio e às trocas comerciais.”

O Capitão Idongesit Udoessien, da Marinha Nigeriana, comandou um dos quatro navios que participaram no exercício. Com o apoio aéreo de helicópteros, os navios patrulharam 105.746 milhas náuticas quadradas.

“De facto, demonstrámos ao mundo que podemos criar sinergias nos nossos esforços a nível sub-regional para garantir a segurança marítima e a protecção, a fim de assegurar uma economia azul próspera das nações da Zona E,” afirmou, de acordo com o site de notícias nigeriano This Day Live.

Ibok registou uma redução significativa da criminalidade marítima, de 49 casos de pirataria registados em 2018 para apenas dois em 2023. Atribuiu este sucesso à coordenação da CEDEAO, dos Estados-membros e dos parceiros internacionais.

A CEDEAO anunciou que a Operação Domínio Seguro IV está prevista para Março de 2025.

— Super Tucanos Nigerianos Alcançam —

GRANDE MARCO DE HORAS DE VOO

EQUIPA DA ADF

Apenas três anos depois de a Força Aérea Nigeriana ter recebido uma dúzia de A-29 Super Tucanos, os pilotos registaram 10.000 horas de voo nos aviões monomotores de ataque ligeiro.

O Marechal Hasan Abubakar, chefe do Estado-Maior da Força Aérea Nigeriana, registou o feito na Base Aérea de Kainji em Agosto de 2024, afirmando que representa anos de dedicação, sacrifício e empenho inabalável na missão da Força Aérea.

“Atingir as 10.000 horas de voo não é um feito pequeno, pois simboliza as inúmeras horas de treino, o planeamento meticuloso e a execução impecável de cada missão que realizámos,” disse Abubakar, segundo a defenceWeb. Abubakar referiu ainda que o marco de horas de voo foi alcançado sem qualquer incidente grave.

A Nigéria recebeu os 12 aviões dos Estados Unidos entre Julho e Setembro de 2021. O negócio de 500 milhões de dólares fazia parte do programa de vendas militares ao estrangeiro dos EUA. A venda incluiu peças sobressalentes para apoiar vários anos de operações, apoio logístico contratado, munições e um projecto de construção plurianual para melhorar as infra-estruturas na base de Kainji, no Estado do Níger.

O A-29 Super Tucano foi concebido para apoio aéreo ligeiro, combate e reconhecimento. O design durável tem um bom desempenho em terrenos acidentados com pistas não pavimentadas e em bases operacionais avançadas.

A Força Aérea Nigeriana não perdeu muito tempo a utilizar os Tucanos contra os extremistas do Boko Haram. Em Agosto de 2022, os ataques aéreos visaram três acampamentos na região da floresta de Sambisa, no âmbito da operação Hadin Kai. A Força Aérea também utilizou os aviões contra bandidos e outros actores violentos.

“O mundo continua a mudar e todos os dias surgem novas ameaças,” disse Abubakar. “O nosso compromisso com a excelência deve permanecer inabalável e devemos continuar a adaptar-nos, a inovar e a evoluir para nos mantermos à frente dos nossos adversários.”

Representantes nigerianos e norte-americanos discutem melhorias na Base Aérea de Kainji em Abril de 2023, parte de um plano para apoiar os A-29 Super Tucanos. CHRIS GARDNER/EXÉRCITO DOS EUA



NAÇÕES COSTEIRAS FAZEM GRANDES APREENSÕES DE COCAÍNA

EQUIPA DA ADF

A Guiné-Bissau, uma nação da África Ocidental outrora conhecida como um “narco-Estado,” interceptou 2,63 toneladas métricas de cocaína apenas alguns meses depois de as Nações Unidas terem informado que os Estados vizinhos do Sahel estavam a emergir como importantes rotas de tráfico de droga.

As autoridades do Burquina Faso, do Chade, do Mali e do Níger apreenderam 1,47 toneladas métricas de cocaína em 2022, em comparação com uma média de 13 quilogramas entre 2013 e 2020, de acordo com um relatório de 2024 do Gabinete das Nações Unidas contra a Droga e o Crime (UNODC).

“O envolvimento de vários grupos armados no tráfico de drogas continua a minar a paz e a estabilidade na região,” Amado Philip de Andrés, representante regional do UNODC na África Ocidental e Central, disse à The Associated Press. O relatório refere que o tráfico de droga fornece recursos financeiros aos grupos armados no Sahel, onde as redes extremistas florescem após uma série de golpes de Estado regionais.

Numa operação de grande envergadura, as autoridades guineenses confiscaram 78 fardos de cocaína em Setembro de 2024, quando um avião Gulfstream IV proveniente da Venezuela aterrou no Aeroporto Internacional Osvaldo Vieira, na capital, Bissau. A polícia prendeu a tripulação de cinco pessoas, composta por dois cidadãos mexicanos e um do Brasil, da Colômbia e do Equador, respectivamente.

A polícia realizou a rusga, com o nome de código “Operação Landing,” com a Administração de Combate às Drogas dos EUA e o Centro de Análise e Operações Marítimas de Narcóticos, informou a Reuters.

As grandes apreensões de droga tornaram-se mais comuns na África Ocidental nos últimos anos. Em 2019, duas operações separadas permitiram a apreensão de 2,6 toneladas métricas de cocaína na Guiné-Bissau. Em Abril de 2022, as autoridades cabo-verdianas e norte-americanas interceptaram um navio de pesca de bandeira brasileira que transportava 6 toneladas métricas de cocaína.

Em Novembro e Dezembro de 2023, a Marinha do Senegal interceptou cerca de 6,7 toneladas métricas de cocaína em três incidentes distintos.

Os contrabandistas, muitas vezes, utilizam os países da África Ocidental como paragem de trânsito entre a América do Sul e a Europa.

O EPICENTRO GLOBAL DO TERROR

EQUIPA DA ADF

Africa é agora o continente mais afectado pelo terrorismo. Todos os dias, uma média de oito atentados terroristas provoca 44 mortos. Em certas zonas do Sahel, da Bacia do Lago Chade, do Corno de África e de Moçambique, a violência mortal é um horror quase constante.

Em particular, o Sahel emergiu como o epicentro do terrorismo global, sendo responsável por 47% de todas as mortes causadas pelo extremismo violento. Os grupos terroristas aproveitam-se da fraca governação da região, das divisões étnicas, dos golpes de Estado e das fracturas nas parcerias regionais em matéria de segurança. As reacções enérgicas dos governos liderados por militares e a dependência de mercenários irresponsáveis pouco fizeram para conter o problema e poderão estar a agravá-lo. Nos últimos 15 anos, os ataques terroristas no Sahel aumentaram 1.266% e as mortes por actos terroristas aumentaram 2.860%. O Burquina Faso é o país mais afectado, com um aumento de 1.907 mortes em 2023, o que representa um quarto de todas as mortes causadas pelo terrorismo a nível mundial.

Enquanto os líderes procuram respostas, reconhece-se cada vez mais que será necessário um esforço de toda a sociedade para resolver as causas e os factores que estão na origem do extremismo. Estas

incluem a pobreza, os direitos de uso da terra, as queixas étnicas e a fraca governação.

Num discurso proferido na Reunião Africana de Alto Nível sobre o Combate ao Terrorismo, realizada em Abuja, na Nigéria, o Presidente da Comissão da União Africana, Moussa Faki Mahamat, apelou a uma nova abordagem para fazer face ao “fenómeno destrutivo que está a devastar vidas humanas, infra-estruturas e instituições.”

“Uma abordagem inovadora é crucial,” Faki disse aos participantes. “Deverá incluir um novo modelo de financiamento da luta contra o terrorismo, um maior envolvimento das instituições africanas e dos actores da sociedade civil. Essas instituições nacionais e a sociedade civil, os jovens e as mulheres, em particular, devem ser apoiados por todos os meios para desempenharem o seu papel insubstituível na luta contra o terrorismo e o extremismo violento.”

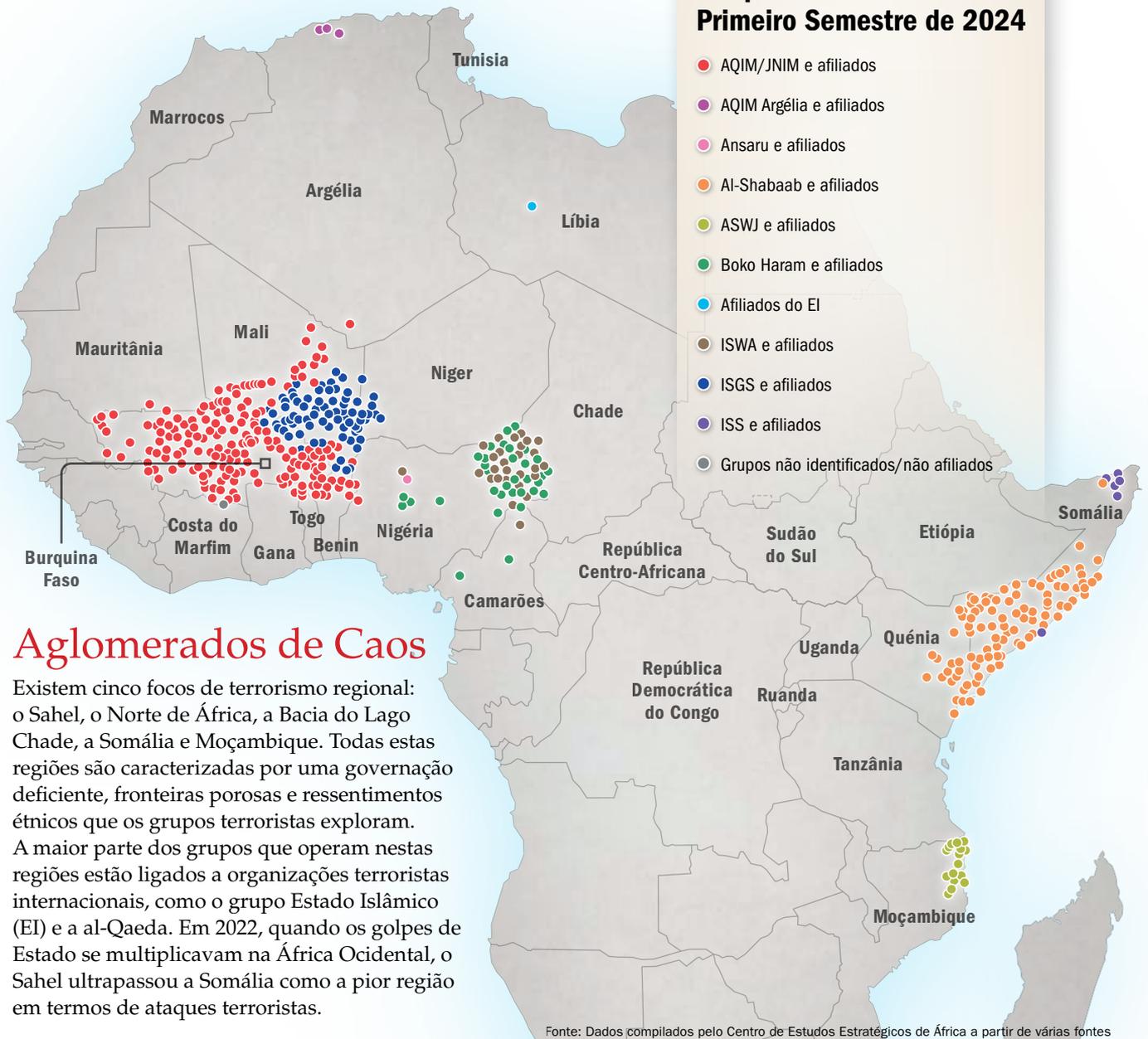
Faki afirmou que a luta deve ser liderada e financiada pelas nações africanas. Disse à sua audiência que não há tempo a perder: “Chegou o momento de tomar medidas concretas. O momento de obter resultados é agora. O tempo dos discursos acabou.”

Os gráficos e mapas das páginas seguintes dão uma ideia visual do âmbito do terrorismo em África, das tendências relacionadas e dos esforços para o travar.

Mulheres choram após uma série de ataques suicidas em Maiduguri, na Nigéria, que tiveram como alvo uma cerimónia de casamento, um hospital e um funeral. AFP/GETTY IMAGES



Ataques Terroristas no Primeiro Semestre de 2024



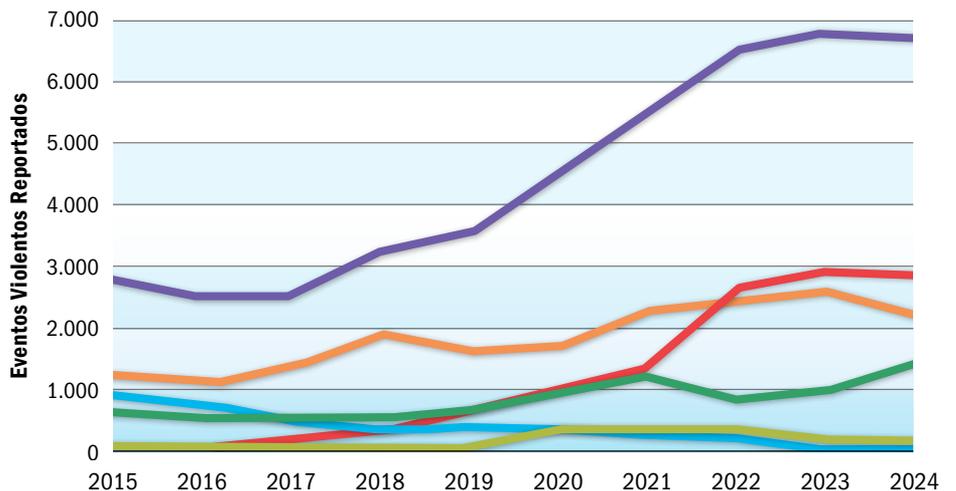
Aglomerados de Caos

Existem cinco focos de terrorismo regional: o Sahel, o Norte de África, a Bacia do Lago Chade, a Somália e Moçambique. Todas estas regiões são caracterizadas por uma governação deficiente, fronteiras porosas e ressentimentos étnicos que os grupos terroristas exploram. A maior parte dos grupos que operam nestas regiões estão ligados a organizações terroristas internacionais, como o grupo Estado Islâmico (EI) e a al-Qaeda. Em 2022, quando os golpes de Estado se multiplicavam na África Ocidental, o Sahel ultrapassou a Somália como a pior região em termos de ataques terroristas.

Fonte: Dados compilados pelo Centro de Estudos Estratégicos de África a partir de várias fontes

Tendências da Actividade dos Grupos Militantes Islâmicos em África, por Região

- Bacia do Lago Chade
- Moçambique
- Norte de África
- Sahel
- Somália
- Total



Fonte: Localização de Conflitos Armados e Dados de Eventos (ACLED); dados compilados pelo ACSS



Vista aérea da costa de Cotonou, Benin

Propagando-se para a Costa

Em busca de novas fontes de rendimento, recrutas e território, os terroristas do Sahel estão a tentar expandir as suas operações para a costa da África Ocidental. O grupo terrorista Jama'at Nusrat al-Islam wal-Muslimin acredita que pode fazer incursões entre as comunidades descontentes do Benin, do norte da Costa do Marfim, do Gana e do Togo.

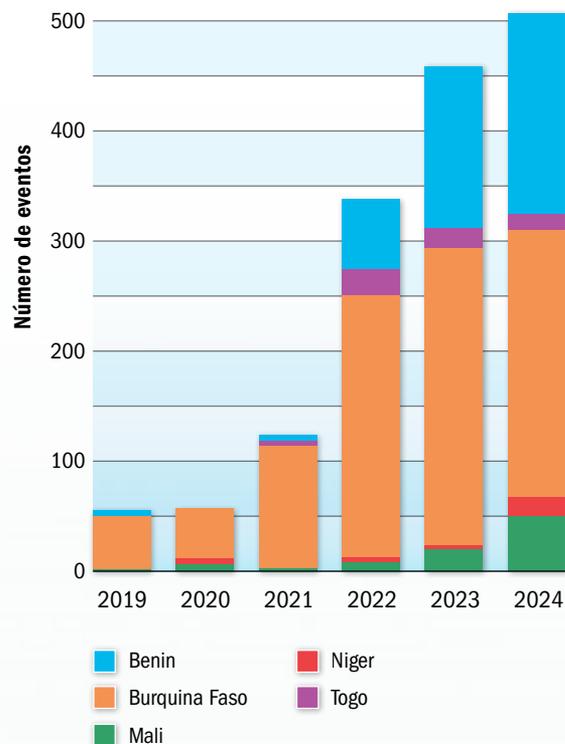
O número de eventos violentos ligados a grupos militantes do Sahel dentro e num raio de 50 quilómetros dos países costeiros da África Ocidental aumentou mais de 250% nos últimos dois anos, totalizando mais de 450 incidentes.

O Benin tem sido um dos países costeiros mais afectados pela violência e o seu Parque Nacional W tornou-se um refúgio para grupos terroristas. De acordo com o Centro de Estudos Estratégicos de África, o número de vítimas mortais relacionadas com a violência islamista no Benin duplicou para 173 no ano passado. A percentagem de aumento de vítimas mortais foi semelhante no Togo, que registou 69 mortes.

Os líderes do litoral estão a apelar à unidade e a procurar ajuda externa para fazer face a esta ameaça crescente.

“Estes conflitos estão a anular progressivamente anos de progresso e de desenvolvimento das populações,” o Vice-Presidente da Costa do Marfim, Tiemoko Meyliet Koné, lamentou num discurso na Assembleia Geral das Nações Unidas. “Para além do Sahel, toda a África Ocidental está hoje ameaçada de colapso. Esta evolução pode alastrar-se para além do continente africano se não forem tomadas medidas eficazes.”

Violência Islâmica Militante num Raio de Menos de 50 km dos Países Costeiros



Fontes: ACSS, ACLED

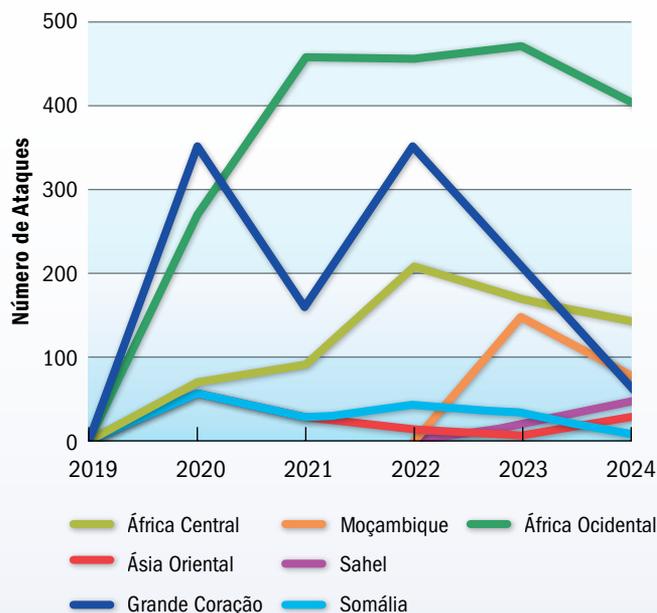
Grupo Estado Islâmico Finca a sua Bandeira

Ao perder território no Médio Oriente nos últimos anos, o EI virou a sua atenção para África. Actualmente, conta com filiais em Moçambique, na região dos Grandes Lagos, na Somália, no Sahel e na Nigéria. No primeiro semestre de 2024, o EI reivindicou a responsabilidade por 788 ataques em todo o mundo. Mais de metade, um número de 536, teve lugar em África, matando 2.142 pessoas.

Os especialistas acreditam que o EI vê a África como a região do mundo com maior potencial para manter território e lançar ataques destrutivos. Pensa-se que o centro do EI esteja em contacto regular com os seus afiliados, envie conselheiros e partilhe informações. Em 2024, houve informações de que o comandante do EI-Somalia tinha sido nomeado líder mundial do grupo. Mais tarde, foi alvo de um ataque aéreo, mas desconhece-se o seu paradeiro.

“Para uma organização como o ISIS, a África Subsariana é onde se pode ter um grande impacto com um mínimo de recursos,” disse Vincent Foucher, especialista em extremismo do Centro Nacional Francês de Investigação Científica. “Este é um dos poucos locais do mundo onde o ISIS controla efectivamente um território de muitos milhares de quilómetros quadrados. É uma fronteira para eles.”

Reivindicações de ataques do EI por região



Fonte: Instituto de Washington

Combatentes do grupo Estado Islâmico na África Ocidental (ISWAP) exibem a bandeira do grupo no território que eles controlam, na região da Bacia do Lago Chade. AFP/GETTY IMAGES





O Custo Humano

Inevitavelmente, são as pessoas mais vulneráveis que pagam o preço mais elevado nos ataques terroristas que interrompem tudo, desde a escola à energia e aos serviços de saúde. Eis um retrato do devastador número de vítimas humanas causadas pelo terrorismo em África.

Uma mulher cujos dois filhos foram mortos num ataque terrorista no Burkina Faso chora num campo de refugiados na Costa do Marfim. AFP/GETTY IMAGES

- Na África Ocidental, quase **25.000** civis foram mortos pelo terrorismo e pela violência política entre o quarto trimestre de 2021 e o segundo trimestre de 2024. Os civis representavam **37%** do total de vítimas.
- O terrorismo e a violência política deslocaram **6,1 milhões** de pessoas na África Ocidental em 2023.
- As reacções ao terrorismo conduzidas por juntas militares tendem a causar mais mortes de civis do que as conduzidas por governos civis. No ano que se seguiu ao golpe de Estado de Julho de 2023, as forças de defesa e segurança nigerinas mataram **três vezes mais** civis do que no ano anterior, de acordo com o Projecto de Localização de Conflitos Armados e Dados de Eventos.
- Grupos terroristas como o Boko Haram atacaram especificamente unidades sanitárias. Desde o início da insurgência, **cerca de um terço** das 700 unidades sanitárias no Estado de Borno, na Nigéria, foram destruídas e outro terço ficou sem condições de funcionamento. Esta falta de cuidados levou a um aumento da mortalidade infantil e a um ressurgimento de doenças tratáveis, como a cólera, o sarampo e a hepatite E.
- Em 2022 e 2023, registaram-se mais de **270** ataques a escolas no Burkina Faso. Estes ataques incluíram raptos, destruição de edifícios e ameaças contra pais e professores. Na Primavera de 2023, **6.100** escolas do país foram encerradas devido à insegurança.

Respostas Regionais

As forças armadas lançaram uma série de missões militares para fazer face às ameaças terroristas em África. Elas operam sob a égide das Nações Unidas, da União Africana, de comunidades económicas regionais ou como alianças ad hoc de forças armadas nacionais. Com a evolução da ameaça e o encerramento de missões de alto nível, os líderes africanos e os seus parceiros internacionais estão a discutir o que o futuro reserva para as intervenções. Os tópicos de debate incluem a forma como as intervenções multinacionais devem ser construídas e financiadas e sob que mandatos devem funcionar.



○ Força-Tarefa Conjunta Multinacional

Criação: 2015

Tamanho autorizado da força: 10.000

- **Países que contribuem com tropas:** Benin, Camarões, Chade, Níger e Nigéria
- **Missão:** Derrotar os grupos extremistas, os bandidos e os criminosos armados na região da Bacia do Lago Chade.



○ Iniciativa de Acra

Criação: 2017

Tamanho autorizado da força: 10.000

- **Países-membros:** Benin, Burkina Faso, Costa do Marfim, Gana e Togo
- **Países observadores:** Mali e Níger
- **Missão:** Responder à violência extremista nos Estados do Sahel e impedir a sua propagação aos Estados costeiros.



Uma vítima de um atentado suicida é transportada para uma ambulância em Maiduguri, na Nigéria. AFP/GETTY IMAGES

Um aluno do ensino primário passa por uma sala de aula no Burquina Faso. Milhares de escolas foram encerradas devido à violência extremista no país. AFP/GETTY IMAGES



Missão da Comunidade para o Desenvolvimento da África Austral (SADC) para a RDC

Criação: 2023

Tamanho da força: Variável (tinha 2.900 tropas sul-africanas em 2024)

- **Países que contribuem com tropas:** Malawi, África do Sul e Tanzânia
- **Missão:** Apoiar o Governo da República Democrática do Congo no restabelecimento da paz e da segurança na parte oriental do país. A missão da SADC substituiu uma missão da Comunidade da África Oriental em 2024.



SAMIM
SADC MISSION IN MOZAMBIQUE

Missão da SADC em Moçambique (SAMIM)

Criação: 2021 (terminou em 2024)

Tamanho autorizado da força: 2.000

- **Países que contribuem com tropas:** África do Sul, Angola, Botswana, Lesoto, Malawi, Namíbia, RDC, Tanzânia e Zâmbia. O Ruanda enviou cerca de 5.000 tropas e actua separadamente, mas em parceria com a SAMIM.
- **Missão:** Apoiar Moçambique no combate ao terrorismo na região de Cabo Delgado, restabelecendo a ordem e permitindo o regresso das pessoas deslocadas.



Missão de Apoio e Estabilização da UA na Somália

Criação: 2007 (como Missão da União Africana na Somália)

- **Países que contribuem com tropas:** Burundi, Djibouti, Etiópia, Quênia e Uganda
- **Missão:** Derrotar o grupo insurgente al-Shabaab e transferir o controlo total da segurança do país para o Exército Nacional da Somália e outras forças de segurança somalis.

DROONES



DO TERROR

LUSTRAÇÃO DA ADF

A DISSEMINAÇÃO DE ARMAS AÉREAS DE BAIXO CUSTO NIVELA O CAMPO DE ACÇÃO E FACILITA ATAQUES

EQUIPA DA ADF

Quando as forças de segurança da Puntlândia, na Somália, fizeram uma rusga a uma coluna de veículos que viajava para o sul de Garowe, confiscaram uma coleção de drones capazes de transportar explosivos. Os dispositivos eram semelhantes aos utilizados pelos rebeldes Houthi do outro lado do Mar Vermelho, no Iémen.

Os chamados drones kamikaze são, na sua essência, dispositivos explosivos improvisados (DEI) voadores. São normalmente quadricópteros de baixo custo, disponíveis no mercado, capazes de transportar um único explosivo — geralmente um morteiro — que pode ser largado sobre um alvo ou enviado directamente para ele. A sua presença na Somália suscitou o receio de uma utilização alargada de drones por grupos terroristas. Até há pouco tempo, os grupos utilizavam os drones sobretudo para vigilância e para fazer vídeos de propaganda.

“Embora ainda seja limitado em comparação com outras regiões, há cada vez mais provas de que vários grupos procuram armar drones disponíveis no mercado para lançar ataques em diferentes países de África,” Bárbara Morais Figueiredo, investigadora do Instituto das Nações Unidas para a Investigação do Desarmamento, disse à ADF por e-mail.

A captura dos cinco drones armados na Puntlândia sugere que os grupos extremistas africanos estão a aprender com os seus homólogos do Médio Oriente a desenvolver a tecnologia, muitas vezes, através de canais online ou de redes sociais controlados pelo grupo Estado Islâmico (EI) ou pela al-Qaeda, segundo Morais Figueiredo.

“De facto, muitos dos grupos conhecidos pela utilização de drones em África têm ligações a grupos conhecidos pela utilização de drones noutras regiões, sobretudo no Médio Oriente, sendo o ISIL [EI] um exemplo proeminente,” afirmou.

Os grupos alinhados com o EI recomendaram aplicações de simuladores de voo para smartphones que ensinam os utilizadores a pilotar drones quadricópteros. Embora grande parte da transferência de conhecimentos tenha sido indirecta, a crescente instabilidade no Corno de África e no Sahel está a convidar a um contacto mais

Soldados que servem na Missão da União Africana na Somália assistem a uma demonstração de veículos aéreos não tripulados (VANT) durante um seminário sobre informação, vigilância e reconhecimento. FARDOSA HUSSEIN/AMISOM



“

QUALQUER PESSOA PODE TRANSFORMAR
UM DRONE NUMA ARMA. ESTAMOS A VIVER
LITERALMENTE NO TEMPO DA GUERRA LÍQUIDA.

”

~ Lindy Heinecken, professora na Universidade de Stellenbosch, África do Sul





Os grupos terroristas africanos estão a utilizar cada vez mais drones de baixo custo como armas e não apenas para vigilância. GETTY IMAGES

directo entre grupos terroristas sediados em África e combatentes estrangeiros mais aptos a utilizar drones como armas tácticas.

“À medida que alguns destes grupos continuam a crescer e a expandir-se, principalmente no centro do Sahel, a atractividade da região como destino para os combatentes estrangeiros pode aumentar ainda mais,” disse Morais Figueiredo.

Há provas de que os grupos terroristas, tal como as forças armadas que combatem, podem desenvolver as suas próprias unidades especializadas dedicadas exclusivamente à operação de drones, acrescentou.

“Esta é, sem dúvida, uma possibilidade ou uma tendência potencial a acompanhar, visto que teria um impacto importante tanto no âmbito como no número de ataques que estes grupos podem efectuar com drones,” avisou Morais Figueiredo.

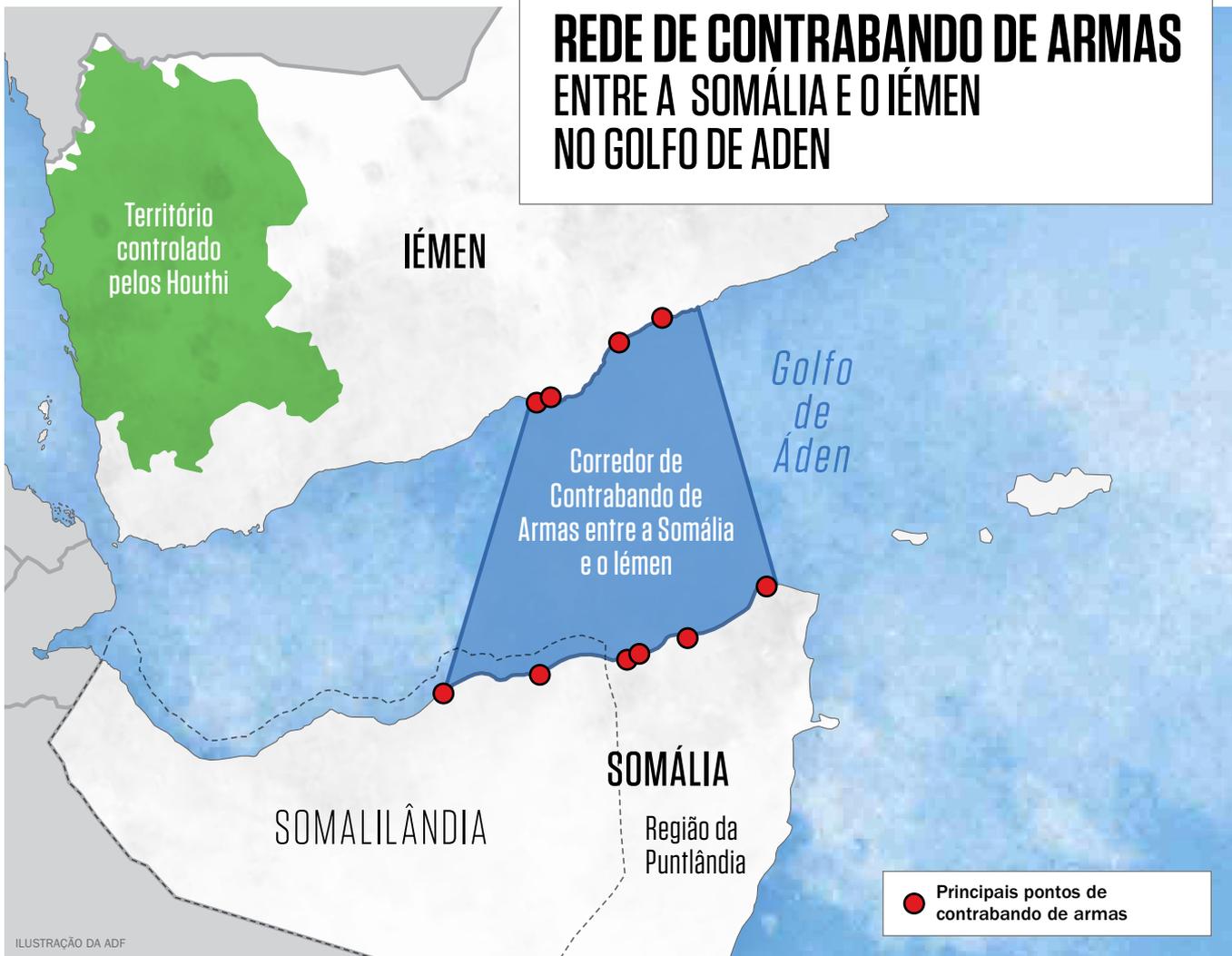
No processo, o uso crescente de drones está a dar aos grupos terroristas uma vantagem psicológica que não tinham antes, a investigadora Karen Allen, do Instituto de Estudos de Segurança (ISS) da África do Sul, disse à Voz da América. “A lei nivelou o campo de acção entre as forças regulares e as forças irregulares,” sublinhou Allen.

MUDANÇA DE TECNOLOGIA E DE UTILIZAÇÃO

A tecnologia dos drones tem crescido exponencialmente desde que o Boko Haram se tornou o primeiro grupo terrorista africano a utilizá-la em 2018, de acordo com o Middle East Media Research Institute. O instituto tem acompanhado a utilização de drones no Médio Oriente, no Norte de África e na África Ocidental desde 2017. “Mais grupos jihadistas ganharam acesso à tecnologia dos drones e os que foram examinados em 2017 melhoraram a tecnologia existente e aumentaram a sua utilização,” escreveram os investigadores do instituto em 2023.

Para contrariar a crescente utilização de drones armados por terroristas, os especialistas dizem que os países africanos terão de investir em bloqueadores de sinal e outros dispositivos. AFP/GETTY IMAGES

REDE DE CONTRABANDO DE ARMAS ENTRE A SOMÁLIA E O IÊMEN NO GOLFO DE ADEN



Especialistas em segurança dizem que os rebeldes Houthi do Iêmen estão a contrabandear drones armados para a Somália para apoiar o al-Shabaab.

Em 2018, o Boko Haram utilizou drones para fins de informação, vigilância e reconhecimento (ISR). O perfil pequeno e as câmaras sofisticadas dos drones tornaram-nos ideais para espiar as forças militares e de segurança ou para vigiar alvos civis. Funcionaram bem para fazer vídeos de batalhas que poderiam ser publicados mais tarde nas redes sociais como ferramentas de recrutamento.

O Boko Haram tornou-se rapidamente o modelo para outros grupos extremistas. Em 2020, o Ansar al-Sunna de Moçambique começou a utilizar drones para identificar alvos na província de Cabo Delgado, enquanto o Ahlu-Sunnah wal Ja'maa os utilizou em Mocímboa da Praia. O al-Shabaab não tardou a seguir o exemplo, utilizando drones para ajudar a planejar ataques na Somália e no Quênia.

Na altura, os drones eram difíceis de encontrar, pelo que era preferível utilizá-los para ISR do que como plataformas de armamento ou em ataques kamikaze, segundo os analistas Keaton O.K. Bunker e John P. Sullivan.

“Os drones utilizados para ISR podem ser reutilizados desde que não sejam destruídos por acção inimiga. Os drones totalmente armados têm muito mais probabilidades de serem destruídos pelas forças da oposição,” Bunker e Sullivan escreveram no Small Weapons Journal. “Além disso, a utilização de ISR ajuda a facilitar as operações terroristas, ao passo que os ataques com drones de utilização única têm um impacto muito mais reduzido nas operações terroristas enquanto evento ‘pontual.’”

Essa filosofia começou a mudar em 2022 e 2023, quando o rival do Boko Haram, a Província da África Ocidental do Estado Islâmico (ISWAP), começou a fazer experiências com a utilização de drones para transportar cargas explosivas na Bacia do Lago Chade.

O interesse do ISWAP em drones armados surgiu da sua necessidade de ultrapassar as perdas de território e de combatentes para os militares nigerianos e para o Boko Haram, segundo o investigador do ISS, Malik Samuel. “Estas contrariedades podem estar a obrigar o ISWAP a adaptar a sua estratégia, como já fez anteriormente,” escreveu Samuel.

Entretanto, como sugere a coluna da Puntlândia, outros grupos terroristas estão a adoptar rapidamente os



Os extremistas violentos preferem drones simples disponíveis no mercado, como os quadricópteros, que são fáceis de adquirir e difíceis de abater. GETTY IMAGES

drones como armas de eleição. Em Abril de 2024, a filial da al-Qaeda no Mali, Jama'at Nusrat al-Islam wal-Musli-min, utilizou quadricópteros disponíveis no mercado, armados com granadas de mão e morteiros, para invadir o acampamento de uma milícia dozo aliada do governo.

'MUDANÇA FENOMENAL'

Com os drones disponíveis no mercado a tornarem-se mais comuns, os governos de toda a África estão a perder uma vantagem de que outrora gozavam. Uma corrida ao armamento baseada em drones equipou ambos os lados com apoio aéreo de baixo custo e altamente eficaz.

Embora o equipamento dos governos possa ser mais sofisticado — os populares drones Bayraktar de fabrico turco são um exemplo — o acesso dos grupos terroristas à tecnologia permite-lhes intimidar os civis e perseguir os militares com drones de baixa altitude e difíceis de abater. Com a adição da inteligência artificial, esses mesmos drones podem operar de forma independente ou em enxames.

“Podem surgir a qualquer altura, em qualquer lugar, a velocidades incrivelmente elevadas, sem que se tenha qualquer controlo,” Lindy Heinecken, professora da Universidade de Stellenbosch, na África do Sul, disse a uma plateia na feira African Aerospace and Defence. “Podemos ter defesas aéreas, mas não sabemos onde é que elas vão entrar. Representa uma mudança fenomenal na natureza da guerra.”

O facto de os drones comerciais serem, essencialmente, uma ferramenta civil complica ainda mais os esforços para os regulamentar, segundo Allen. A professora descreve-os como uma tecnologia de dupla utilização, comparável aos telemóveis, que podem ser utilizados para fazer chamadas, mas também para activar bombas à beira da estrada.

Por essa razão, sugere Allen, os drones comerciais podem ser objecto de restrições ao abrigo do Acordo Internacional de Wassenaar, concebido para controlar a



Militares de alta patente da Missão da União Africana na Somália assistem a uma demonstração de VANT. FARDOSA HUSSEIN/AMISOM

exportação de tecnologia de dupla utilização.

Heinecken explicou um desafio mais fundamental que os governos enfrentam quando lutam contra os drones terroristas: “Qualquer pessoa pode transformar um drone numa arma,” disse. “Estamos a viver literalmente no tempo da guerra líquida.”

Enquanto os países africanos continuam a combater os grupos terroristas, têm de acrescentar tecnologia anti-drone aos seus arsenais, segundo Allen. Isso pode incluir bloqueadores de sinal, que interrompem a ligação de rádio entre os drones e os seus operadores, e lasers de alta energia que podem derrubar os drones do céu, derretendo-os em voo.

De acordo com Morais Figueiredo, manter-se à frente da rápida evolução da tecnologia dos drones e dos grupos que a utilizam irá manter os governos africanos atentos.

“Em suma, à medida que a tecnologia dos drones se torna mais acessível e continua a evoluir e a difundir-se a um ritmo acelerado em África, é provável que estas tendências se acelerem ainda mais nos próximos anos,” Morais Figueiredo disse à ADF. “Por conseguinte, é provável que vejamos mais grupos a utilizar drones com maior frequência e de formas cada vez mais diversificadas e sofisticadas em todo o continente.” □

'RESULTADOS TANGÍVEIS *Não Apenas Conversa*'



**Uma Conversa Com o
Tenente-General Humphrey Nyone, da Zâmbia,
Comandante da Força da Missão da ONU
na República Centro-Africana**

Nyone chega a Bangui, na República Centro-Africana, em Julho de 2023.



FOTOGRAFIAS DA MINUSCA

O General Humphrey Nyone está ao serviço das forças armadas da Zâmbia desde 1994 e desempenhou vários cargos, incluindo o de comandante do Colégio de Comando e Estado-Maior dos Serviços de Defesa da Zâmbia, director-geral da doutrina e estratégia política do Exército da Zâmbia e comandante da 1.ª Divisão de Infantaria. Anteriormente, participou em missões de manutenção da paz das Nações Unidas na República Democrática do Congo e na Serra Leoa. Foi nomeado comandante da força da Missão das Nações Unidas na República Centro-Africana (MINUSCA) em Maio de 2023. Falou com a ADF por videoconferência a partir de Bangui. Os seus comentários foram editados por questões de espaço e clareza.

ADF: O mandato da MINUSCA foi prolongado até Novembro de 2025, apesar de outras missões da ONU no continente terem sido forçadas a terminar ou terem enfrentado a resistência dos países de acolhimento. Como é que a MINUSCA pode cumprir o seu mandato e manter o apoio do público?

Nyone: Na manutenção da paz, de acordo com a minha experiência, a maior parte das pessoas confia na missão se vir resultados tangíveis. Os resultados tangíveis criam confiança no público, e penso que é isso que estamos a fazer na MINUSCA. A partir do momento em que entrei para a empresa, continuámos a confiar.

Então, o que estamos a fazer a este respeito? A primeira é a protecção dos civis. Na maior parte das áreas onde havia bolsas de elementos armados, estabelecemos a nossa pegada. E é isso que as pessoas querem ver.

Em segundo lugar, a representante especial do secretário-geral [SRSG], Valentine Rugwabiza, usando os seus bons ofícios, revitalizou efectivamente o processo de paz. Ela está a trabalhar arduamente porque este foi um processo que esteve quase morto durante alguns anos. Vemos agora que está a ganhar vida, e podemos ver progressos.

A terceira questão, um dos problemas persistentes em termos de conflito, é a questão da transumância [deslocação dos animais para as terras de pastagem]. A maior parte dos animais migram do Sudão ou de países vizinhos e são trazidos para Bangui para serem abatidos; são negócios. Mas, ao longo dos anos, têm sido alvo de ataques dos pastores e também de grupos armados. O que o Representante Especial do Secretário-Geral fez foi patrocinar alguns destes comités de transumância na maioria dos locais. No final do ano passado, realizámos uma série de conferências sobre transumância ao nível das prefeituras, patrocinadas pela missão. Daí resultam algumas medidas físicas para apoiar as forças de segurança internas que estão a ser lideradas pela polícia da ONU. Estão a trabalhar lado a lado com a gendarmaria da RCA, a polícia nacional, e também estamos a apoiar este esforço para garantir que combatemos este aspecto específico da transumância.

Há também a questão da reconciliação. A coesão social é uma questão importante neste país. A linha de falha era muito nítida. O conflito era de natureza sectária. É possível ver a linha quebrada que separa as pessoas segundo linhas religiosas ou linhas étnicas. Estão a ser envidados muitos esforços para que tudo isso volte a acontecer. Isso

está a ser feito no terreno, onde os nossos chefes de gabinete estão a supervisionar os programas locais de reconciliação para reforçar a coesão social.

Por último, estamos a operar num ambiente em que não existem infra-estruturas. Houve uma degradação total das infra-estruturas. Um exemplo que posso dar é a rede rodoviária. Digo-lhe que, para percorrer uma distância de cerca de 500 quilómetros neste país, gastará nada menos do que quatro meses. No que diz respeito ao transporte aéreo, a maioria dos aeródromos estava fora de uso, pelo que tivemos de os reabilitar para podermos acolher o sector aéreo. Começámos a utilizar as nossas capacidades de engenharia para construir pontes, repará-las e estamos a fazer uma grande quantidade de nivelamento destas estradas. Tudo isso para garantir a criação de produtividade, a mobilidade das forças e a deslocação das comunidades locais do ponto A para o ponto B. Fizemos isso porque acreditamos que a manutenção da paz é a construção da confiança pública. As pessoas têm de ver resultados tangíveis e não apenas conversas.

ADF: Qual é a estratégia actual da MINUSCA para proteger os civis de danos e como é que esta mudou ao longo dos anos? Tem alguma prova de sucesso recente?

Nyone: Sabemos que a protecção dos civis é sempre um esforço multidimensional. Não se trata apenas da força ou das pessoas de uniforme; trata-se de todas as entidades da missão.

Temos uma estratégia baseada em três níveis: o primeiro nível é a protecção através do diálogo e do envolvimento. Estamos a promover o diálogo de paz e estamos a apoiar as próximas eleições. A segunda é a protecção física. É aqui que desempenhamos um papel fundamental como força. Quando entrei, esta missão estava dispersa

por muitas bases operacionais temporárias (BOT). Estas tornaram-se mais parecidas com fortalezas militares. A força não tinha flexibilidade para poder fazer patrulhas e dissuadir a influência destes elementos armados. Tivemos de mudar a nossa postura para sermos mais móveis. Decidimos encerrar mais de 48 BOT. Reforçámos o nosso sistema de alerta precoce e a nossa resposta de alerta, e estamos a fazer mais patrulhas de dissuasão. O terceiro nível da nossa estratégia consiste em criar este ambiente protector. Isso está a ser feito, principalmente, pelos nossos colegas do sector humanitário. Temos um elevado afluxo de refugiados, principalmente nos Vakaga, provenientes da parte nordeste do país. Estão a chegar por causa do que está a acontecer no Sudão, onde há novos combates. Todas as semanas recebemos nada menos do que 1.000 refugiados. Actualmente, temos 23.000 e quando olhamos para a população de Birao, esta é de apenas 16.000, pelo que temos um número mais elevado de refugiados do que de residentes. Este facto cria um problema em termos de recursos. Os nossos colegas humanitários estão a fazer um grande esforço e a força está a apoiá-los para fornecer escoltas de segurança e uma intervenção atempada.

ADF: A Secretária-Geral e Chefe de Missão, Rugwabiza, apelou a uma "postura proactiva e preventiva" das forças da MINUSCA. O que é que isso significa em termos da forma como as suas forças de manutenção da paz estão posicionadas e como respondem às ameaças?

Nyone: A força é uma mistura. Somos provenientes de diferentes países que contribuem com tropas, e as forças têm doutrinas diferentes, culturas diferentes, mentalidades diferentes e posturas diferentes devido à sua formação. Quando eles vêm para cá, é preciso ter uma unidade de objectivos. Quando o Representante Especial



Forças de manutenção da paz da MINUSCA protegem os civis da RCA que caminham numa estrada rural.

do Secretário-Geral fez o discurso, o que quis dizer foi que o conceito operacional da força estava a mudar, passando a estar mais inclinado para operações que estão ligadas a uma resposta proactiva e também à dissuasão. Para o conseguir, tivemos primeiro de trabalhar no nosso sistema de aviso prévio. Tivemos muitos problemas que tivemos de resolver com a ajuda dos nossos colegas dos assuntos civis, do chefe de gabinete da missão e também dos nossos chefes de gabinete. A força só pode responder eficazmente se o sistema de alerta precoce for sólido. Sem que nos seja fornecida essa informação necessária, torna-se muito difícil. Queríamos deixar de ser reactivos e passar a ser mais proactivos. Analisámos também a mentalidade e a postura da nossa força. Alguns dos contingentes eram avessos ao risco. Trabalhámos nesse sentido e é por isso que agora podemos entrar em zonas que têm sido um bastião da União para a Paz [grupo rebelde]. Intervimos nessas zonas recorrendo mesmo a meios aéreos, inseridos por helicópteros. Só se pode fazer isso com uma força robusta que não seja avessa ao risco, com uma boa postura que, caso algo aconteça, esteja pronta a reagir.

ADF: A MINUSCA trabalhou para melhorar as infra-estruturas rodoviárias da RCA. Os engenheiros da ONU construíram ou reabilitaram mais de 2.000 quilómetros de estradas, 131 pontes e 37 pistas de aterragem nos últimos dois anos. Que importância tem para uma paz sustentável permitir que o comércio prospere no país e que papel desempenham as forças de manutenção da paz na sua protecção?

Nyone: No início desta missão, o conceito de apoio operacional era um conceito simples, que dependia principalmente de prestadores de serviços. Mas à medida que a missão se expandia, apercebemo-nos de que não tínhamos a infra-estrutura necessária para a apoiar. As estradas não podiam suportar a mobilidade das forças nem a deslocação dos residentes locais. As pistas de aterragem não eram intervencionadas e não podiam suportar meios aéreos como um C-130 [avião de carga], que só podia aterrar em duas áreas da missão. A missão não estava preparada. Este país tem quase 623.000 quilómetros quadrados e é atravessado por rios. É vasto. Então, como é que se sustenta as tropas? Como é que se garante a protecção de civis? Como é que se alarga a autoridade do Estado? Tornou-se muito difícil. O que fizemos foi utilizar as capacidades que temos à nossa disposição. Temos cinco unidades de engenharia militar. Estas unidades têm capacidades horizontais e verticais para construir edifícios, bem como estradas, pontes e pistas de aterragem. Os 2.000 quilómetros de estrada que reabilitaram estão a permitir que alimentos e outros produtos cheguem às nossas tropas no campo de batalha. As capacidades do aeródromo permitem a aterragem de C-130. Facilitou a rotação das tropas. Também permitiu que os representantes do governo fossem a mais sítios e visitassem a população. Os actores humanitários estão a utilizar as mesmas estradas.

Este país é sustentado por uma estrada principal (MSR 1) que vai do porto de Douala, nos Camarões,

até Bangui. Há pouco tempo, a missão teve problemas. A estrada foi fechada por bandidos armados. Bloquearam-na literalmente durante algumas semanas. Não conseguíamos receber suprimentos de Douala. Foi necessário um grande esforço para expulsar os bandidos armados e abrir o acesso. A partir de então, dedicámos dois contingentes a esta MSR. Mas pensamos: “Até que ponto temos a certeza de que não vamos ter outro problema de reabastecimento?” Por isso, trabalhámos para abrir outra estrada, a MSR 4, que vem do Quênia através do Sudão do Sul, passando por Bambouti e Obo, para podermos abrir essa estrada no caso de a outra ser fechada por qualquer razão.

ADF: Muitos centro-africanos ainda estão deslocados. Estima-se que 465.000 pessoas estejam deslocadas internamente e 675.000 estejam refugiadas noutros países. O que é que a MINUSCA pode fazer para criar as condições necessárias para que estas pessoas possam regressar a casa? Preocupa-o o aumento do número de refugiados e da violência provocada pela guerra no Sudão?



O pessoal médico da MINUSCA presta cuidados gratuitos a mais de 350 pessoas durante um evento no bairro PK5 de Bangui.

Nyone: Começarei pela segunda parte. Estamos realmente preocupados. O país ainda está sob pressão e agora há um fluxo de refugiados que sufoca completamente os recursos disponíveis. Em segundo lugar, temos os efeitos de arrastamento. Queremos ter a certeza de que a guerra de diferentes facções e de diferentes países não está a chegar à RCA. Caso contrário, altera a dinâmica de segurança e altera os nossos esforços de estabilização.

Os deslocados internos e os repatriados — sim, temos muitos, mas as estatísticas baixaram drasticamente. A maioria vive nas comunidades de acolhimento. A maioria não vai para os campos, mas para aqueles que vão, as agências humanitárias estão lá para fornecer água, alimentos e medicamentos. Sempre que há movimento, nós fazemos a escolta. Trabalhamos lado a lado com os nossos colegas da agência da ONU para os refugiados.



Os engenheiros da MINUSCA melhoraram os aeródromos e as estradas, aumentando a capacidade das forças de manutenção da paz de viajar por todo o país.

ADF: *As forças de manutenção da paz da MINUSCA enfrentaram a ameaça de ataques com DEI. O primeiro ataque documentado ocorreu em 2020 e outro ataque mortal aconteceu no início de 2024. O país também enfrenta a ameaça de minas terrestres e de engenhos por explodir. Como é que o vosso pessoal está a combater esta ameaça?*

Nyone: Quando isso aconteceu pela primeira vez, o nosso receio era que se espalhasse por toda a missão. Mas está localizada no Sector Oeste, e os incidentes estão a diminuir. A nossa primeira pergunta foi: de onde vêm as minas, há um campo de minas terrestres a ser colhido? Em segundo lugar, onde estão as redes? Porque quando se liga a fonte, é possível estar mais seguro.

O que é que fizemos? Trabalhando em conjunto com

os nossos colegas do Serviço de Acção contra as Minas da ONU (UNMAS), desenvolvemos capacidades para os nossos contingentes. Pedimos para trazer os veículos resistentes a minas para os contingentes do Sector Oeste. Criámos também uma capacidade de busca e detecção no seio destes contingentes. Solicitámos uma companhia de neutralização de engenhos explosivos (NEE) e a sede da ONU foi rápida a acelerar o envio da companhia cambojana de NEE.

No início de 2024, o RESG autorizou um projecto-piloto. Apercebemo-nos de que havia lacunas em termos de sensibilização. Porque as vítimas mortais não foram apenas as forças de manutenção da paz, mas a maioria foram os civis que utilizam as mesmas estradas. A UNMAS passou alguns meses a sensibilizar a população local no Sector Oeste, criando redes de alerta para que, sempre que haja um problema suspeito relacionado com a NEE, nos possam alertar.

ADF: *Então, estão a tentar que os locais ajudem a parar estes ataques?*

Nyone: Vou dar-vos um exemplo. Quando tivemos um incidente em Nzakoundou, em Dezembro de 2023 [onde 23 civis foram mortos], desloquei-me à localidade para avaliar a dimensão do ataque. Estacionámos o nosso helicóptero a cerca de 3 quilómetros e percorremos essa distância até à aldeia e depois voltámos. Quando regressava da aldeia, encontrei a patrulha camaronesa que tínhamos activado. Os civis que se tinham escondido nos arbustos viram-nos e começaram a vir na nossa direcção. Interagimos com eles durante cerca de uma hora e garantimos-lhes o nosso apoio. A patrulha, que regressava pela mesma estrada, embateu num DEI e perdemos um soldado da paz e cinco outros ficaram feridos. Mais tarde, os



Uma unidade cambojana de neutralização de engenhos explosivos em serviço na MINUSCA limpa uma estrada.

residentes locais disseram-nos que viram dois elementos armados a cavalo que estavam a colocar o engenho. Viram-nos a plantar e depois foram-se embora. Verificámos que havia uma lacuna em termos de alertas. Iniciámos este projecto-piloto e estamos a ver muitos resultados positivos. Estamos a receber muitas informações dos residentes locais.

ADF: A MINUSCA ajudará a proteger o país nas próximas eleições legislativas e presidenciais. Que papel desempenharão as forças de manutenção da paz neste processo e porque é que isso é importante?

Nyone: Esta missão vai ser avaliada em termos do seu desempenho se as eleições correrem bem. Não estamos a deixar nada ao acaso. Uma eleição é uma competição entre aqueles que estão a disputar a liderança política. O que devemos ter em mente é que a RCA realizou eleições locais pela última vez em 1988. Desde essa altura, todos os cargos de chefia local, como o de presidente de município, foram nomeados pelo Presidente da República. Fazia parte integrante [do acordo de paz assinado em 2019] a realização destas eleições para que a população local pudesse eleger os seus próprios líderes. A MINUSCA fornecerá não só o apoio técnico, logístico e de segurança, mas também terá em conta outros grupos marginalizados, incluindo as mulheres, para garantir a sua participação nestas eleições, não só através do voto, mas também para aqueles que aspiram à liderança.

Temos um plano para a securitização das eleições. Já fizemos a 1ª Fase do recenseamento eleitoral; vamos passar para a 2ª Fase, e estamos a trabalhar em conjunto com as forças nacionais, a polícia e a gendarmaria para garantir que estas eleições não sejam perturbadas.

ADF: Tem sido amplamente divulgado que os mercenários russos continuam a operar no país e a controlar o acesso a certas regiões produtoras de minerais. Como é que os mercenários estrangeiros afectam a sua missão? Tem capacidade para operar em todo o país?

Nyone: Temos o nosso mandato e objectivos claros. Sim, estão a operar neste ambiente. É um ambiente contestado, no sentido em que não somos os únicos actores. Temos também as Forças Armadas Centro-Africanas [FACA] e temos grupos armados no mesmo espaço. É um espaço contestado, mas o nosso dever é implementar o nosso mandato neste espaço contestado. O nosso parceiro de segurança são as FACA, pelo que colaboramos com elas e não com qualquer outro grupo. Neste país ou nesta missão, não há nenhuma

área que não tenha a nossa presença. Temos um mandato para atravessar a RCA, e fizemo-lo. Mesmo nas zonas de difícil acesso ou controladas por grupos armados, fizemos incursões.

ADF: Quais são os seus objectivos para o resto do seu tempo como comandante da força?



Proteger os civis e reconstruir a confiança do público são dois dos principais objectivos de Nyone como comandante da força da MINUSCA.

Nyone: O meu objectivo é contribuir para o legado duradouro da missão de manutenção da paz. O melhor legado que podemos deixar é uma paz duradoura. Quando olho hoje para a Serra Leoa, sorrio por causa das nossas realizações naquele país. Além disso, quando olho para a Libéria e para o que as outras missões da ONU fizeram, vejo que foram bem-sucedidas. É por isso que estou ansioso. Agora, como é que posso contribuir para este legado de estabilidade neste país, para que os cidadãos possam voltar a ter uma vida normal? Uma delas é garantir que apoiemos os objectivos estratégicos do Representante Especial do Secretário-Geral, como a extensão da autoridade do Estado. Torna-se muito difícil estabilizar um país se houver grupos armados activos em algumas zonas. O que estamos a fazer é a melhor abordagem. Alargar a autoridade do Estado, garantir que o governo possa operar nessas áreas, apoiar o destacamento das FACA e a capacidade das FACA de manter a segurança do país. Penso que são esses os meus objectivos. E se eu for capaz de contribuir para isso, quando regressar a casa, olharei para trás e sorrirei porque posso dizer: “Fizemos alguma coisa.” □

GRUPOS TERRORISTAS

ADAPTAM-SE PARA CONTINUAREM LETAIS

Ao Fazerem Eco das Queixas Locais e ao Expandirem as Fontes de Rendimento, os Extremistas Escapam aos Esforços Antiterroristas

FOTOS DA EQUIPA DA ADF POR AFP/GETTY IMAGES

Africa tem, de longe, a população mais jovem de todos os continentes, com cerca de 40% da sua população — quase 600 milhões de pessoas — com 15 anos ou menos. É o principal público-alvo dos grupos militantes e uma das muitas razões pelas quais os especialistas dizem que o extremismo em África tem sido tão difícil de derrotar.

“Os grupos terroristas estão a encontrar uma população vulnerável e impressionável como alvo,” o Professor Barend Prinsloo disse à ADF. “Muitas vezes, os ataques às aldeias envolvem o assassinato de indivíduos mais velhos, enquanto os jovens são fisicamente capturados ou mentalmente doutrinados. Este grupo demográfico enorme e jovem constitui uma fonte praticamente inesgotável de recrutas.”

Prinsloo, líder do programa de segurança internacional e nacional da Universidade do Noroeste, da África do Sul, descreveu os grupos terroristas como organizações oportunistas que exploram quaisquer queixas sociais que possam encontrar.

Na província moçambicana de Cabo Delgado, uma filial do grupo Estado Islâmico (EI) ganhou força aproveitando a negligência política da região. Nas províncias orientais da República Democrática do Congo, vários grupos extremistas têm-se feito passar por “combatentes da libertação.”

“Na Somália, o al-Shabaab mistura ideias nacionalistas com os seus objectivos islâmicos,” disse Prinsloo. “E na África Ocidental, os grupos jihadistas encontram apoio na rejeição da influência estrangeira, principalmente das antigas potências coloniais.”

Caleb Weiss, analista da Fundação para a Defesa das Democracias e da Fundação Bridgeway, disse que os grupos extremistas violentos são resistentes porque pertencem a um movimento ideológico. Os seus líderes

são hábeis a pegar em mensagens e directivas religiosas destinadas a um público global e a adaptá-las aos contextos locais. As queixas locais são facilmente cooptadas para atrair recrutas.

“Muito do que os grupos jihadistas fazem no terreno são, essencialmente, campanhas de relações públicas, a que chamam da’wah (convite em língua árabe), que ajuda a criar apoio público e a enraizar-se ainda mais nos ambientes locais,” Weiss disse à ADF. “Por isso, as campanhas puramente antiterroristas raramente conseguem se livrar deste problema.”

Prinsloo explicou por que razão uma abordagem exclusivamente militar do combate ao terrorismo tem tido dificuldade em conquistar os corações e as mentes das pessoas afectadas pelos grupos terroristas.

“Os grupos terroristas recorrem à guerra assimétrica, desrespeitando as regras convencionais dos direitos humanos, o que faz com que o terrorismo em África se assemelhe cada vez mais a uma guerra civil,” afirmou. “Esta dinâmica amplifica a ideologia extremista com que começou, transformando o conflito numa luta profundamente pessoal e moralmente carregada para muitos destes jovens combatentes.”

NOVAS ALIANÇAS

Os grupos militantes continuam a evoluir na forma como são financiados. Muitas vezes, os seus objectivos alinham-se com locais e grupos envolvidos no comércio ilícito e no crime organizado. Todas as partes se capacitam mutuamente para atingirem os seus objectivos, afirmou Prinsloo.

“As suas motivações centram-se, muitas vezes, nos recursos e no financiamento — recrutar pessoas, controlar mercadorias e, cada vez mais, manter o território enquanto actuam como um quase governo,” afirmou. “Neste espaço, os sindicatos transnacionais do crime

organizado tornam-se os fornecedores e facilitadores destes grupos terroristas.”

As fontes de financiamento dos grupos terroristas africanos mantiveram-se praticamente inalteradas nos últimos anos: impostos ilegais, pilhagem, extorsão, empresas de fachada, raptos para obtenção de resgate e donativos.

“Estes ainda são incrivelmente comuns,” disse Weiss. “O que evoluiu foram mais os métodos de branqueamento e de movimentação de dinheiro. Sim, as antigas redes hawala [de transferência de dinheiro] e as contas de dinheiro móvel ainda são muito activas na movimentação do dinheiro, mas coisas como as criptomoedas ganharam popularidade.”

A aliança com grupos de bandidos no centro da Nigéria permitiu a um grupo dissidente do Boko Haram manter-se relevante e operacional. Mas os raptos e os ataques revelaram que o financiamento está no centro da aliança. James Barnett, um investigador do Hudson Institute na Nigéria, disse que a população local já não consegue distinguir entre bandidos e terroristas.

“Tendo em conta o que já se sabe sobre a natureza do banditismo na Nigéria, parece provável que o panorama militante ao longo do eixo Níger-Kaduna esteja algo fracturada, envolvendo múltiplos grupos armados cujas motivações podem variar e cujas alianças podem mudar,” Barnett escreveu numa investigação para o HumAngle, um jornal diário online com sede em Abuja que se centra na insegurança.

UMA NOVA AMEAÇA

Após um seminário regional no Ruanda para combater as actividades terroristas na internet, funcionários das Nações

Unidas afirmaram que alguns grupos terroristas aprenderam a explorar o espaço virtual em seu proveito. “Com o tempo, alguns dominaram-na para criar uma presença online sofisticada e alargada — para radicalizar, recrutar, pedir resgates e angariar fundos,” afirmou a ONU.

“A luta contra a utilização da internet pelos terroristas é cada vez mais difícil, visto que os terroristas estão a migrar para nichos e partes mais escondidas da internet, tornando a sua actividade mais difícil de identificar e interromper,” afirmou Charley Gleeson, analista de informações de fonte aberta da Tech Against Terrorism, uma iniciativa global. “É por isso que isso só pode ser feito de forma eficaz com a colaboração entre o sector tecnológico, os governos e a sociedade civil para garantir que os direitos humanos e as liberdades democráticas sejam respeitados.”

Os funcionários presentes no seminário afirmaram que a cooperação regional será necessária para combater o terrorismo cibernético.

“A luta contra a utilização da internet para fins terroristas não pode ser ganha por um único país,” afirmou Isabel Kalinhangabo, do Gabinete de Investigação do Ruanda.

Os especialistas alertam agora para o facto de os extremistas estarem a dar os primeiros passos no sentido do terrorismo cibernético, utilizando computadores e redes com objectivos políticos, ideológicos ou outros.

Os extremistas estão a empregar ataques avançados para obter acesso às redes, onde podem permanecer sem serem detectados para roubar dados. Utilizam vírus informáticos, worms e malware para atacar sistemas informáticos, redes eléctricas, sistemas de transporte e outros.



Uma unidade antiterrorista nigeriana reúne-se na Comissão Eleitoral Nacional Independente em Port Harcourt, em 2019, antes das eleições gerais do país.

TERROR EXPANDE-SE NOS FOCOS REGIONAIS

Nos últimos anos, cinco regiões de África têm sido o foco da violência extremista, de acordo com um relatório de Agosto de 2024 do Centro de Estudos Estratégicos de África (ACSS):

O SAHEL: A região com menos mortes há 10 anos foi a que registou mais mortes nos últimos três anos.

“As 11.200 mortes no Sahel [até 30 de Junho] em 2024 — uma triplicação desde 2021 — agora representam mais da metade de todas as mortes relatadas em todo o continente,” informou o centro. “A violência das forças de segurança contra civis tem sido constantemente considerada como um factor de recrutamento por parte de grupos extremistas violentos. As juntas militares do Sahel e as milícias suas aliadas mataram mais civis (2.430) no ano passado do que os grupos militantes islâmicos (2.050).”

Os peritos da ONU apontam para “um défice de capacidades anti-terroristas,” que a al-Qaeda e os membros do grupo Estado Islâmico (EI) continuam a explorar.

SOMÁLIA: O al-Shabaab resiste há duas décadas e fez deste país em dificuldades o segundo campo de batalha mais activo do continente nos últimos três anos. As 6.590 mortes registadas em 2024 são mais do dobro das de 2020, escreveu o centro. O al-Shabaab continua a ser uma presença esmagadora na Somália, tendo o grupo IS-Somalia sido responsável por menos de 1% do terrorismo na Somália e no Quênia em 2024.

Apesar das perdas significativas resultantes dos ataques aéreos e das operações militares, o al-Shabaab continua a resistir. Estima-se que tenha entre 7.000 e 12.000 combatentes e que arrecade 100 milhões de dólares por ano, principalmente com os impostos em Mogadíscio e no sul da Somália, escreveram os peritos da ONU.

BACIA DO LAGO CHADE: Há uma década, esta região era o epicentro da violência terrorista em África, com 67% de todas as mortes, ou seja, 13.670 por ano, de acordo com o ACSS. A bacia abrange o nordeste da Nigéria e as zonas fronteiriças dos Camarões, do Níger e do Chade.

“A violência dos militantes islâmicos na Bacia do Lago Chade tem diminuído ao longo da última década,” afirmou o centro. “Nos últimos

dois anos, registou-se um aumento dos acontecimentos violentos após um período de declínio. No entanto, as mortes anuais ligadas a estes eventos têm-se mantido relativamente consistentes, variando tipicamente entre 3.500 e 3.800 mortes.”

O Instituto Internacional de Estudos Estratégicos (IISS) refere que a insurgência extremista na Bacia do Lago Chade está sobretudo centrada na Nigéria. O Ansaru, um grupo afiliado à al-Qaeda, e o IS-West Africa Province são os dois grupos dominantes na região. Os ataques envolvem cada vez mais várias milícias não extremistas que se dedicam ao banditismo, ao rapto e ao roubo de gado. Segundo o IISS, estas milícias “são actualmente mais mortíferas do que os grupos jihadistas.”

MOÇAMBIQUE: A província de Cabo Delgado, no norte do país, tem assistido, horrorizada, à evolução de uma insurgência local que surgiu em 2017 para o mortífero grupo IS-Moçambique. As operações militares multinacionais reduziram as capacidades do grupo, mas os actos de violência e o número de vítimas mortais voltaram a aumentar.

“As 250 ocorrências e as 460 vítimas mortais projectadas até ao final de 2024 representariam uma quase duplicação da violência em relação ao ano anterior,” escreveu o ACSS.

O IISS relata que o norte de Moçambique assistiu a um novo surto de actividades militantes nas zonas rurais em 2022, após uma diminuição da violência depois das intervenções em 2021 das tropas do Ruanda e da África Austral, que conseguiram expulsar os militantes das principais cidades de Cabo Delgado.

ÁFRICA DO NORTE: De 30 de Junho de 2014 a 30 de Junho de 2015, houve 3.650 vítimas mortais do terrorismo no Norte de África, o segundo maior número do continente. Actualmente, esta região tem o menor número de mortes registadas das cinco.

“Este ano marca o primeiro ano em que não houve eventos violentos ligados a grupos militantes islâmicos no Egipto desde 2010,” escreveu o ACSS. “As Nações Unidas acreditam que o ISL (Estado Islâmico-Líbia) e a al-Qaeda ainda têm combatentes no sul do país, embora pareçam estar concentrados em lucrar com a economia ilícita.”



Incidentes mortais de violência extremista continuam a assolar a Bacia do Lago Chade.



Há duas décadas que o al-Shabaab aterroriza a Somália com ataques mortíferos.

Utilizam estratégias de engenharia social e campanhas de phishing para enganar as pessoas e levá-las a revelar informações valiosas.

Um estudo de 2024 mostrou que os países em desenvolvimento, principalmente os de África, estão a ser utilizados como bancos de ensaio para ataques cibernéticos devido aos seus níveis relativamente baixos de segurança informática. Em 2023, o número médio de ataques cibernéticos semanais a empresas africanas cresceu 23% em comparação com os anos anteriores, o aumento mais rápido a nível mundial, de acordo com a Avaliação Africana de Ameaças Cibernéticas de 2024 da Interpol. O ransomware e o comprometimento do e-mail empresarial encabeçaram a lista de ameaças graves.

A iliteracia digital, o envelhecimento das infra-estruturas e a falta de profissionais de segurança constituem desafios à prevenção de perdas económicas devidas ao crime cibernético, de acordo com um relatório de 2024 da Access Partnership e do Centro de Direitos Humanos da Universidade de Pretória.

“África enfrenta o impacto mais significativo das ameaças cibernéticas do que qualquer outro continente,” afirmou Nicole Isaac, vice-presidente de políticas públicas globais do gigante tecnológico Cisco. O boletim informativo sobre segurança cibernética, Dark Reading, referiu que quase todos os líderes financeiros em África “consideram o Crime Cibernético uma ameaça significativa, juntamente com as condições macroeconómicas e a instabilidade política e social.”

DADOS PERTURBADORES

Na cimeira antiterrorista de 2024, realizada em Abuja, o presidente da União Africana, Mousa Mahamat,

destacou alguns números preocupantes: uma média de oito incidentes e 44 mortes por dia no continente em 2023. Registaram-se mais de 16.000 mortes, incluindo mais de 7.000 civis e mais de 4.000 membros das forças de segurança.

“O terrorismo e o extremismo violento são os maiores males do nosso tempo, espalhando-se pelas cinco regiões de África,” afirmou.

As ameaças colocadas por organizações extremistas violentas no continente estão em constante evolução, uma vez que as duas mais proeminentes — a al-Qaeda e o EI — exploram “um défice de capacidades antiterroristas,” de acordo com um relatório de 2024 elaborado por um painel de peritos da ONU. “A situação está a tornar-se cada vez mais complexa com a fusão de disputas étnicas e regionais com a agenda e as operações destes grupos,” escreveram.

Durante a cimeira, a Secretária-Geral Adjunta das Nações Unidas, Amina J. Mohammed, apelou os países que se encontram nos focos de violência em África e nas suas imediações para que trabalhem com a ONU e outras organizações internacionais no sentido de resolver as causas profundas do terrorismo, como a falta de oportunidades económicas. Acrescentou que os governos africanos devem restabelecer o seu “contrato social” ou a ligação com as comunidades e as pessoas.

O Professor Prinsloo está entre os especialistas que acreditam que devem ser exploradas oportunidades de diálogo com grupos extremistas.

“O envolvimento respeitoso e formal do governo com certos grupos terroristas pode oferecer um caminho para reduzir as queixas pessoais no centro desta violência, permitindo-nos concentrar mais eficazmente na abordagem da própria ideologia extremista,” afirmou. □

Na Encruzilhada do CONFLITO

EQUIPA DA ADF

A remota cidade de Birao, na República Centro-Africana, situa-se perto das fronteiras do Chade e do Sudão. Em consequência, milhares de refugiados que fugiam da guerra civil do Sudão atravessaram a fronteira.

“Parti apenas com os meus filhos e a roupa do corpo. Os nossos bens, a nossa casa, tivemos de deixar tudo para trás,” uma mulher chamada Fatma disse à Agência das Nações Unidas para os Refugiados, recordando a sua viagem de Nyala, no Estado sudanês do Darfur do Sul, para Birao. Centenas de milhares de pessoas atravessaram as fronteiras em busca de segurança desde o início da guerra civil sudanesa, em Abril de 2023. Muitos fugiram para o Chade e para o Egípto. Mais de 16.000 pessoas entraram

na RCA, o que traz os seus problemas. Há mais de cinco anos que Birao é palco de conflitos entre grupos étnicos rivais. Mais de 24.000 pessoas fugiram da cidade para campos de deslocados, segundo a Acted, um grupo humanitário privado sem fins lucrativos. A Missão Multidimensional Integrada de Estabilização da ONU na República Centro-Africana está a actuar no meio desta mistura de conflitos e convulsões. Mais de 16.000 soldados e agentes da polícia servem na missão, incluindo mais de 700 da Força de Defesa da Zâmbia. O contingente da Zâmbia passou o mês de Agosto de 2024 a patrulhar os arredores de Birao, encontrando-se com civis e empresários para estabelecer relações. As forças da Zâmbia participam na missão desde 2015.





Uma criança cumprimenta as forças de manutenção da paz zambianas em patrulha nos arredores de Birao, em Agosto de 2024. AFP/GETTY IMAGES

Desactivando a **AMEAÇA**

Dispositivos
Explosivos
Improvisados
Prolongam Conflitos
e Destroem Vidas.
Como Podem
Ser Contidos?

EQUIPA DA ADF

Um soldado etíope procura explosivos numa estrada em Baïdoa, na Somália. ATMIS



Nas quase duas décadas desde que a União Africana lançou a sua missão para estabilizar a Somália, houve uma arma que causou os maiores danos. O grupo terrorista al-Shabaab utilizou repetidamente dispositivos explosivos improvisados para destruir a paz, espalhar o medo e fazer descarrilar o progresso.

Os terroristas colocam as bombas, também conhecidas como DEI, nas principais rotas de abastecimento, em mercados com muita gente e em todo o lado. O Serviço de Acção contra as Minas das Nações Unidas chamou a estas bombas caseiras um “problema de 20 dólares que requer uma solução de um milhão de dólares.”

Em 2007, o primeiro ano da missão da UA, foram registados 57 ataques com DEI na Somália. Em 2023, 600 ataques com DEI resultaram em

1.500 mortes. No início da insurgência, o grupo terrorista pode levar um ano a construir um dispositivo explosivo improvisado transportado por veículo (VBDEI) capaz de matar dezenas de pessoas. Em 2023, o al-Shabaab estava a detonar vários VBDEI por mês.

“O al-Shabaab considera agora os DEI como a sua arma de eleição,” o Coronel Wilson Kabeera, comandante da Escola de Engenheiros de Combate do Uganda, disse à ADF. “Tem evoluído ao longo do tempo.” Kabeera acrescentou que as primeiras bombas eram simples explosivos de 5 quilos accionados por uma placa de pressão, enquanto os DEI actuais podem conter uma carga explosiva de 100 quilos.

A Somália não é o único foco de DEI. Os terroristas estão a utilizar DEI em Moçambique, no Sahel e na Bacia do Lago

Entre 2015 e 2022, os ataques com DEI multiplicaram-se na África Oriental numa altura em que os grupos terroristas visavam civis e militares.



Fonte: Small Arms Survey

Chade. Na Nigéria, os ataques com DEI, sobretudo por parte do Boko Haram, são a forma mais mortífera de violência, sendo responsáveis por 84% dos civis mortos em ataques terroristas.

No segundo semestre de 2024, grupos extremistas nigerianos fizeram manchetes ao voltarem à tática dos atentados suicidas. A África Ocidental registou um aumento drástico dos ataques com DEI, passando de quatro incidentes em 2013 para 540 em 2021.

Os especialistas acreditam que cabe a qualquer exército que enfrente uma insurgência investir em formação e tecnologia contra os DEI, principalmente porque os civis são a esmagadora maioria das vítimas.

“O perigo para os civis é bastante grande,” disse Sean Burke, gestor do programa de combate aos dispositivos explosivos improvisados (C-DEI) no Comando dos EUA para África. “Portanto, o problema é que, se estamos a tentar proteger a nossa população e estabelecer ou manter um país estável, este é um dos perigos que definitivamente tem de ser combatido.”

Um Passo à Frente dos Adversários

Um DEI é normalmente definido como qualquer explosivo que não é fabricado industrialmente ou produzido de forma normalizada. Muitas vezes, é fabricado através da montagem manual de componentes que são desviadas da sua utilização prevista.

A utilização de DEI no campo de batalha remonta ao século XVI, quando os soldados cavavam poços conhecidos como “fougasses” e os enchiam de explosivos para acender um rastilho e detoná-los quando um inimigo se aproximasse. Ao longo dos anos, quando explosivos industriais como o TNT, a nitroglicerina e a pólvora

negra se tornaram amplamente disponíveis, a prática generalizou-se. Os DEI têm sido utilizados na maioria dos conflitos desde o século XIX. Constituem um dos instrumentos preferidos dos grupos insurgentes que se dedicam à guerra assimétrica a nível mundial.

Os DEI incluem normalmente várias componentes simples: uma fonte de energia, um interruptor que activa o dispositivo, um iniciador que o acende e um agente explosivo. As categorias gerais são:

- **Um DEI de comando**, em que o criminoso controla a explosão.
- **Um DEI temporizado**, concebido para explodir num determinado momento e que é activado por meios eléctricos ou químicos.
- **Um DEI accionado pela vítima**, que é activado quando esta pisa uma placa de pressão ou quebra um fio de disparo.
- **Um DEI projectado**, que é lançado contra o alvo pretendido.
- **Um DEI suicida**, que é detonado por atacantes para se matarem a si próprios e a outros.

Kabeera afirmou que os dispositivos utilizados actualmente são mais baratos, mais mortais e mais difíceis de detectar. Muitos são controlados por rádio e têm uma carga explosiva concebida para lançar um penetrador moldado que pode perfurar a blindagem do veículo. O gatilho pode ser algo tão amplamente disponível como um alarme de mota ou um telemóvel.

O objectivo é causar o máximo de carnificina e pânico. Algumas bombas utilizadas na Somália foram concebidas para serem activadas quando as forças de segurança passam um detector de metais por cima delas. Noutros casos, os DEI secundários são estrategicamente colocados

“Se estamos a tentar proteger a nossa população e estabelecer ou manter um país estável, este é um dos perigos que definitivamente tem de ser combatido.”

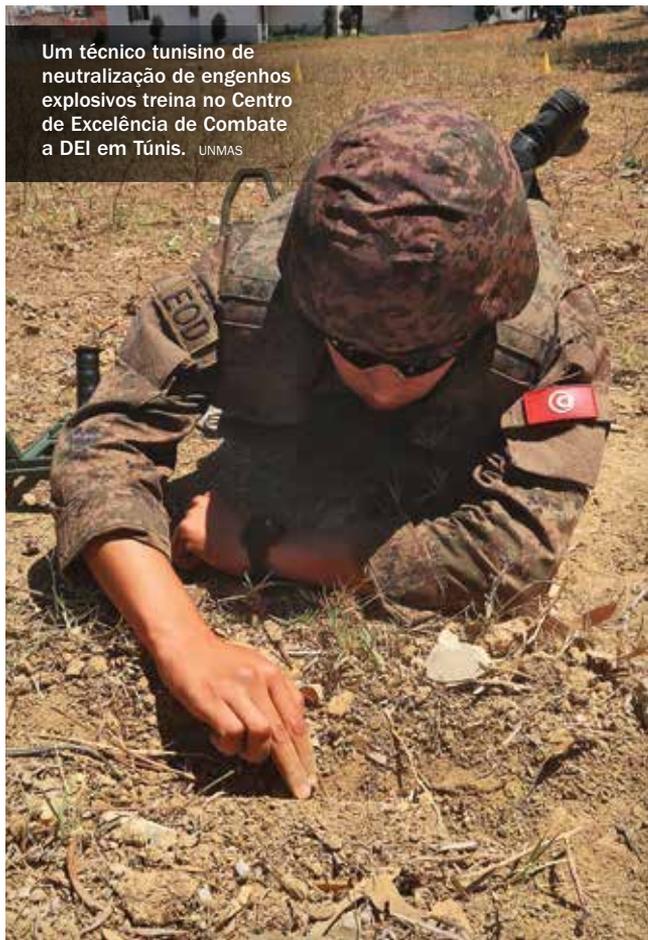
~ Sean Burke, gestor do programa de combate aos dispositivos explosivos improvisados do Comando dos EUA para África



Um soldado etíope verifica a estrada em busca de potenciais explosivos durante um exercício em Baidoa, na Somália. ATMIS



Um técnico tunisino de neutralização de engenhos explosivos treina no Centro de Excelência de Combate a DEI em Túnis. UNMAS



para atingir o pessoal médico e os socorristas após uma explosão inicial.

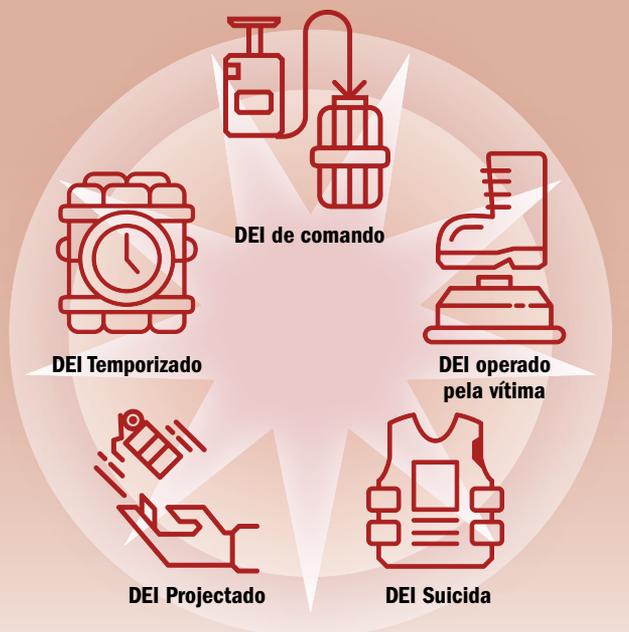
Os especialistas em C-DEI têm de correr constantemente para se manterem um passo à frente dos adversários em termos de tecnologia e táticas.

“A formação e a reciclagem devem manter-se durante toda a operação para compensar a tendência humana para a complacência,” disse Kabeera. “Através da sensibilização, formação, actualização e sensibilização para as ameaças, tanto para os operadores de C-DEI como para as tropas de infantaria, todos estão conscientes da situação e sabem o que fazer.”

O Uganda esforçou-se por melhorar a sua formação. Todos os soldados da Força de Defesa Popular do Uganda (UPDF) destacados para a Somália frequentam cursos sobre a neutralização de DEI e outros engenhos, cursos de sensibilização para os riscos dos explosivos e sobre como procurar DEI nas estradas. Existem cursos de actualização durante o destacamento. A UPDF também está a formar especialistas em investigação pós-explosão, tratamento de traumas de combate e contramedidas electrónicas, entre outras coisas.

No campo de batalha, segundo Kabeera, as tropas adoptaram uma abordagem que incorpora informações

Tipos de Dispositivos Explosivos Improvisados

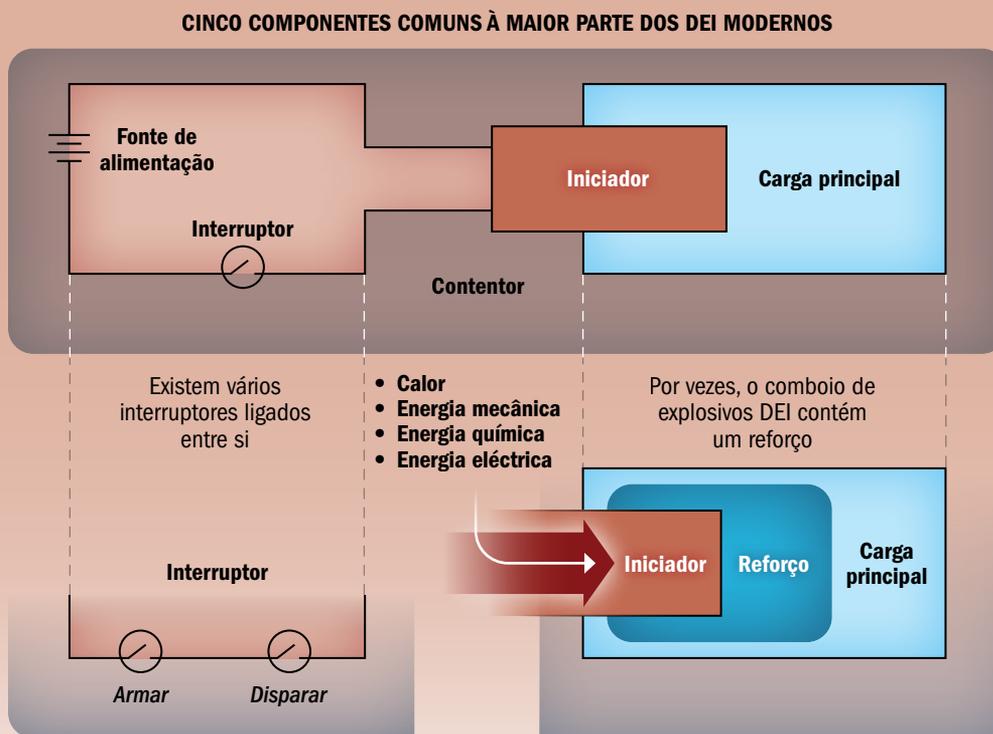


◀ Técnicos ugandeses de neutralização de engenhos explosivos utilizam um robot durante um exercício na Somália. ATMIS

Fonte: Instituto das Nações Unidas para a Investigação sobre o Desarmamento

Composição de um DEI

Um DEI normalmente é constituído por cinco componentes: um contentor, um interruptor, um iniciador, uma carga explosiva e uma fonte de energia. Os grupos terroristas aumentaram a complexidade destes dispositivos nos últimos anos, tornando-os mais difíceis de detectar e derrotar.



Fonte: UNMAS e Organização de Cooperação dos Chefes de Polícia da África Oriental, Centro de Excelência de Combate ao Terrorismo

recolhidas de civis e da vigilância aérea. As tropas são informadas sobre os DEI antes de qualquer operação e existem estratégias para proteger as zonas libertadas dos ataques de DEI.

“O progresso feito pela UPDF tem sido muito eficaz, mas não é suficiente para mitigar e derrotar os grupos terroristas por si só, sem o envolvimento de parceiros,” disse Kabeera. “É necessário mais apoio por parte dos Aliados e Parceiros, e é essencial a orientação do pessoal da UPDF através de especialistas na matéria para evitar a perda de competências. No entanto, a abordagem C-DEI

da UPDF dotou as nossas equipas dos atributos correctos para derrotar os DEI.”

Um Impulso Continental

Em toda a África, as forças armadas estão a investir na formação em C-DEI com currículos avançados, novas instalações e tecnologia. Os EUA e outros parceiros, incluindo a França, a Alemanha, a Itália e o Reino Unido, tentaram normalizar a formação utilizando apenas módulos do currículo da ONU para a destruição de DEI, o que permite a continuidade da formação entre parceiros.

A **Tunísia** emergiu como um líder continental e está a fazer progressos no sentido de ter o primeiro Centro de Excelência C-DEI de África certificado pela ONU. O centro de Túnis está totalmente equipado com peritos e tem capacidade para ministrar o conjunto completo de cursos sobre C-DEI e neutralização de engenhos explosivos.

O **Quénia** está a construir um centro de formação em C-DEI em Embakasi, na sua Escola Humanitária de Apoio à Paz, que já oferece cursos a estudantes militares de todo o continente. Em Agosto de 2024, o Quénia acolheu a 6.^a Conferência sobre Dispositivos Explosivos Improvisados.

O **Senegal** está a expandir a formação em C-DEI no seu Centro de Formação de Desminagem de Bargny e está a construir uma nova escola de engenharia militar no mesmo local. Em 2023, os desminadores senegaleses tornaram-se os primeiros a concluir o curso de Derrota de Dispositivos Explosivos Improvisados da ONU com a ajuda de instrutores do Exército dos EUA.



Soldados ugandeses preparam-se para detonar um explosivo encontrado enterrado numa estrada na Somália. ATMIS

Soldados das Forças de Defesa do Quênia destroem um engenho explosivo improvisado numa detonação controlada na Somália. ATMIS



Os defensores esperam que o aumento das competências locais permita que as equipas de instrutores africanos exportem conhecimentos sobre C-DEI para todo o continente e que as novas instalações africanas permitam um maior acesso à formação.

“Estão a começar a partilhar o peso da formação,” disse Burke. “É esse o significado disso. Isso mostra que os nossos parceiros africanos têm os conhecimentos necessários.”

Desmantelando Redes

O aspecto mais difícil do trabalho com os C-DEI é interromper a cadeia de abastecimento que permite aos grupos extremistas produzir os engenhos. A formação sobre “atacar a rede” é difícil porque muitas das componentes utilizadas em simples DEI também têm aplicações civis. Artigos como iniciadores eléctricos, cordões detonantes, telemóveis e precursores de explosivos, como o nitrato de amónio, são necessários para a construção, a agricultura e outras actividades comerciais. No entanto, segundo os especialistas, a única forma de acabar com o problema é atacar as cadeias de abastecimento de DEI, os fabricantes de bombas, os financiadores e as oficinas.

“Se não tentarmos ir atrás dos bandidos, dos fornecedores e dos financiadores de todas as pessoas que são necessárias para apoiar esse tipo de operações, então é um jogo de Whac-A-Mole, e nunca vamos conseguir chegar à frente,” disse Burke.

Na Somália, certos materiais explosivos, precursores e artigos como os detonadores são controlados e requerem autorizações especiais de importação. Contudo, os limites à importação tiveram pouco efeito. Uma avaliação concluiu que cerca de 60% dos explosivos utilizados nos

ataques do al-Shabaab perto da fronteira com o Quênia tinham sido obtidos através da captura de munições não deflagradas, como cartuchos de artilharia, ou do roubo de munições militares.

“Os operativos do al-Shabaab não precisam de ir ao estrangeiro para obter materiais básicos para os DEI, a maior parte dos quais são adquiridos localmente. Para além das munições não deflagradas que cobrem o país após um quarto de século de conflito, o al-Shabaab recebe dos seus inimigos as principais cargas de DEI,” Daisy Muibu e Benjamin Nickels escreveram para o Centro de Combate ao Terrorismo em West Point. “Através da apreensão e compra de material disponível na Somália, o al-Shabaab tem todas as peças de que necessita para os DEI.”

Os especialistas em C-DEI afirmam que necessitam de formação forense para detectar a origem das componentes dos explosivos e de uma melhor gestão e contabilização dos stocks para garantir que as munições militares não caem em mãos inimigas. É igualmente necessário criar parcerias regionais para acompanhar as importações suspeitas ou a circulação de mercadorias através das fronteiras.

“É necessária uma abordagem holística e, para ser eficaz, esta abordagem deve abranger uma vasta região geográfica,” os investigadores do Small Arms Survey escreveram num relatório sobre o tráfico de componentes de engenhos explosivos na África Ocidental. “Sem uma abordagem sincronizada e comum a nível regional, os traficantes limitar-se-ão a identificar novas fontes clandestinas e a tirar partido de leis e regulamentos fracos e inconsistentes para obterem os materiais que procuram. Há algumas desvantagens numa abordagem regional e muitos benefícios potenciais.” □



A POLÍCIA E O POVO

**UM FORTE POLICIAMENTO
COMUNITÁRIO PODE SER
VITAL NA LUTA CONTRA O
EXTREMISMO**

EQUIPA ADF | FOTOS PELA ATMIS

Na longa guerra contra o extremismo violento em África, os países têm tentado uma série de abordagens. As missões multinacionais de manutenção da paz das Nações Unidas trabalham no Sahel e noutros locais há anos, com resultados mistos.



Polícias somalis recém-recrutados demonstram capacidades de controlo de multidões durante uma cerimónia para assinalar a conclusão da sua formação em Kismayo.

Do mesmo modo, a União Africana e outras forças regionais têm trabalhado incansavelmente para levar a paz e a estabilidade a locais como a República Democrática do Congo, o norte de Moçambique e a Somália.

Cada esforço proporciona uma mistura frustrante de sucessos e fracassos, avanços e recuos. As limitações das forças militares são claras: Podem utilizar a força letal e garantir um certo grau de protecção aos civis e aos governos que protegem. Mas não podem ficar para sempre. Muitas vezes, nem sequer podem permanecer no mesmo local durante muito tempo, pois perseguem os extremistas violentos até aos seus esconderijos.

As forças policiais, por outro lado, têm laços nacionais e locais mais permanentes. A sua missão é proteger as pessoas em todos os momentos. Também investigam crimes, prendem os autores e recolhem provas, dando início ao processo que eventualmente conduz à acção penal. A sua eficácia em tudo isto pode ser avaliada por um processo testado ao longo do tempo, conhecido como policiamento orientado para a comunidade.

“O policiamento comunitário situa-se no nexo entre os agentes de segurança do Estado, as comunidades locais e a sociedade civil,” o Dr. Anouar Boukhars, professor de contraterrorismo e combate ao extremismo violento no Centro de Estudos Estratégicos de África (ACSS), disse num programa académico virtual sobre o assunto em 2020. “O policiamento comunitário eficaz não pode ser imposto simplesmente como uma estratégia ou uma tática para combater o extremismo

violento... é um ethos que deve ser infundido na cultura e na prática dos agentes de segurança.”

Foram experimentados diferentes tipos de policiamento comunitário em todo o continente, incluindo no Quênia, na Somália e na Tanzânia, para citar apenas alguns exemplos. Esta abordagem foi muito útil no Quênia, depois de quatro homens armados do al-Shabaab terem matado 148 pessoas e ferido quase 80 outras na Universidade de Garissa, no dia 3 de Abril de 2015.

O Quênia tem um modelo de policiamento comunitário chamado “Nyumba Kumi,” que significa “10 famílias” em Swahili. Neste sistema, os agregados familiares trabalham em conjunto para vigiar e comunicar à polícia os casos suspeitos. Mohamud Saleh, que foi nomeado novo coordenador regional após o ataque a Garissa, conseguiu aproveitar o sistema para criar confiança e melhorar a segurança numa região que desconfiava da polícia.

Saleh criou uma linha directa para que o público pudesse contactar o seu gabinete, de acordo com a Saferworld, uma organização global de paz e segurança com sede em Londres. Criou também linhas directas com as unidades de resposta rápida da polícia para ter acesso a informações para actuação. Se ocorresse um ataque, as autoridades realizariam um fórum público conhecido como barasa para identificar as questões subjacentes antes de responder com força.

O sistema substituiu “uma abordagem enérgica por uma abordagem baseada na confiança e na responsabilização, que estabelece relações com as comunidades





locais para obter informações,” informou a Saferworld. A existência de laços mais fortes entre a polícia e os civis pode evitar os ressentimentos que levam algumas pessoas ao extremismo.

ELEMENTOS DO POLICIAMENTO COMUNITÁRIO

O policiamento comunitário pode ser diferente consoante o local e o contexto, mas normalmente inclui uma variação de cinco princípios fundamentais: resolução de problemas, capacitação, parceria, prestação de serviços e responsabilização.

O Serviço de Polícia da Irlanda do Norte adoptou estes cinco princípios, que foram adaptados do modelo desenvolvido pelo Serviço de Polícia da África do Sul após o fim do apartheid, de acordo com um artigo de Neil Jarman, investigador da Queen’s University em Belfast, Irlanda do Norte. A abordagem reorienta o trabalho da polícia de uma postura reactiva para uma postura pró-activa, ao mesmo tempo que dá aos civis a possibilidade de participarem na resolução dos problemas de segurança.

Meressa Kahsu Dessu, investigadora sénior do Instituto de Estudos de Segurança, sediado na África do Sul, destacou os princípios num artigo publicado em Junho de 2024 no blogue do Wilson Center. “Estes elementos orientam os agentes da polícia para estabelecer e construir parcerias com as populações locais com base na compreensão, confiança e respeito mútuos,” escreveu. “Eles colaboram regularmente com os residentes locais, grupos comunitários, proprietários de empresas e outras partes interessadas locais.”

Para que o policiamento comunitário seja bem-sucedido,

deve ser conduzido pelas comunidades locais e incluir todos os elementos da sociedade, como as mulheres, os jovens e outros, Phyllis Muema, directora-executiva do Centro de Apoio Comunitário do Quênia, disse no programa virtual do ACSS. “Os nossos princípios de policiamento comunitário assentam, idealmente, no princípio de que o policiamento é feito por consentimento e não por coerção,” afirmou. “Tem de ser algo que seja impulsionado pelas comunidades locais.”

POLICIAMENTO NA MANUTENÇÃO DA PAZ

Uma resolução de 2014 do Conselho de Segurança das Nações Unidas reconheceu a importância e a eficácia do policiamento comunitário, e essa ênfase é proeminente nas directrizes da ONU sobre como a polícia deve operar em missões de manutenção da paz e políticas.

As missões da ONU devem destacar os agentes policiais para “áreas de patrulha controláveis” para que os civis os possam conhecer pelo nome. Os contingentes policiais devem incluir agentes do sexo feminino e consultar os membros da comunidade sobre as suas necessidades e conceber programas em conformidade, afirmam as directrizes. Um “comité consultivo” em cada área de patrulha deve incluir homens e mulheres “cuidadosamente seleccionados” que sejam representativos da comunidade e cujos interesses não prejudiquem o êxito da missão.

As comissões devem reunir-se pelo menos uma vez

Agentes participam na cerimónia de encerramento de uma sessão de formação em policiamento comunitário para o pessoal da Força de Polícia da Somália e membros da comunidade em Mogadíscio.



Oficiais superiores da ATMIS e da Força de Polícia da Somália colocam tijolos na cerimônia de lançamento da primeira pedra para a esquadra de polícia de Darussalam.

por mês. Os agentes da polícia devem partilhar atempadamente as informações sobre os crimes com as comissões e os meios de comunicação social.

A União Africana também reconheceu a importância do policiamento comunitário. Os funcionários da Missão de Transição da UA na Somália (ATMIS), recentemente concluída, salientaram o modelo em formação ao longo de 2024. Em Agosto, mais de 100 agentes da Força de Polícia da Somália (SPF) concluíram um mês de formação em policiamento comunitário.

Os responsáveis da ATMIS e da SPF organizaram a formação, que se centrou nas componentes essenciais do policiamento comunitário, no seu enquadramento jurídico e na protecção e apoio às crianças, entre outros aspectos.

“O cenário de segurança da Somália é complexo e, por isso, é importante ter uma abordagem adaptada ao policiamento comunitário,” Sivuyile Bam, director-adjunto da ATMIS, disse num comunicado de imprensa. “Temos de continuar a ouvir as preocupações das comunidades, compreender as suas necessidades e trabalhar em conjunto para as resolver.”



A Comissária da Polícia da ATMIS, Hillary Sao Kanu, da Serra Leoa, disse que os seus agentes e a SPF realizaram conjuntamente 18 eventos de formação para o reforço das capacidades em todo o país, beneficiando 352 agentes da polícia somali, incluindo 162 mulheres, desde Janeiro de 2024. “O evento de hoje é, por

consequente, significativo para os nossos esforços colectivos no sentido de melhorar a segurança, a confiança e a cooperação entre a polícia e as comunidades que servimos na Somália,” afirmou na cerimónia de graduação de 31 de Agosto de 2024.

Poucos dias depois, as autoridades iniciaram a construção de uma nova esquadra de polícia no distrito de Darussalam, na Somália. A estação destina-se a ajudar os agentes da polícia somali a combater o crime, reforçando simultaneamente as relações com a comunidade na zona.

“O policiamento é uma responsabilidade partilhada e a componente policial da ATMIS está aqui para apoiar os nossos homólogos da SPF a levar o policiamento até às portas dos membros da comunidade e ajudar a proteger

A Comissária de Polícia da ATMIS, Hillary Sao Kanu, da Serra Leoa, discursa no final da formação em policiamento comunitário e prevenção da criminalidade para o pessoal da Força de Polícia da Somália.



A Missão de Transição da União Africana na Somália e a polícia somali patrulham uma rua de Mogadíscio para manter a segurança dos civis durante o Ramadão.

os seus direitos humanos,” Samuel Asiedu Okanta, coordenador da formação e desenvolvimento da polícia da missão, disse num comunicado de imprensa. “Estas instalações ajudarão a prevenir o crime e a melhorar os serviços de policiamento nesta comunidade.”

Em Outubro de 2024, a ATMIS formou 12 agentes da SPF e 24 líderes comunitários em Dhobley em matéria de gestão de esquadras de polícia, policiamento comunitário, tráfico de seres humanos e prevenção do crime. O comandante do Sector 2 da Missão, Brigadeiro Seif Salim Rashid, do Quênia, disse que a reunião da polícia e dos líderes civis proporcionaria uma segurança mais eficaz. O Comissário do Distrito de Dhobley, Hassan Abdi Hashi, concordou.

“Os membros da comunidade e os agentes da autoridade podem construir uma comunidade mais forte e mais resistente trabalhando em conjunto para enfrentar os desafios da segurança,” afirmou Hashi, de acordo com um comunicado de imprensa. “Ao partilhar as lições aprendidas com esta formação, podemos capacitar as nossas comunidades e criar um efeito de onda de mudança positiva.”

Ao contrário da ATMIS, nem todas as missões de combate ao terrorismo afectam recursos adequados a uma componente policial. É o caso da Força-Tarefa Conjunta Multinacional, que tem como alvo os extremistas do Boko Haram e do grupo Estado Islâmico na Bacia do Lago

Chade. Um relatório de 2023 do Instituto Norueguês de Assuntos Internacionais indicou que, embora as tropas tenham conseguido desobstruir áreas e restaurar a estabilidade, a falta de capacidade policial da missão impediu-a de proteger e manter as áreas desobstruídas para sustentar as operações de estabilidade.

Isso obriga “os militares a permanecerem presentes nalgumas zonas depois de a segurança ter sido restabelecida, para realizar tarefas de policiamento e garantir a entrada segura e a realização de actividades de estabilização e humanitárias,” afirma o relatório. “No entanto, as forças armadas não têm capacidade suficiente para operar a este nível, uma vez que isso provoca o esgotamento dos seus já limitados recursos que poderiam ser utilizados em novas operações ofensivas noutros locais.”

A UA e os seus Estados-membros precisam de dar prioridade ao policiamento comunitário nas operações de paz, Meressa escreveu para o Wilson Center. “Os membros da comunidade estão em melhor posição para reconhecer actividades suspeitas nas suas comunidades — incluindo actividades de radicalização e extremismo — e para informar prontamente os agentes da polícia,” escreveu Meressa. “Através destas parcerias de policiamento comunitário mais fortes, a polícia pode detectar proactivamente actividades suspeitas, resolver problemas de crime e violência e reforçar a resistência das comunidades ao extremismo violento.” □



UMA INSURGÊNCIA OBSTINADA

SOMÁLIA CAMINHA PARA A AUTO-SUFICIÊNCIA
EM MATÉRIA DE SEGURANÇA, MAS O AL-SHABAAB
CONTINUA PERIGOSO E RESISTENTE

EQUIPA DA ADF

A zona comercial de Mogadíscio ferve
de actividade em 2022. AMISOM



Oturismo, a vida noturna e as novas empresas regressaram à praia do Lido, em Mogadíscio, e a toda a cidade. Mas numa noite de sexta-feira, em Agosto de 2024, enquanto a música tocava e centenas de pessoas relaxavam na praia, um bombista suicida detonou o seu colete. Vários extremistas armados abriram fogo contra a multidão.

“Nas ruas próximas, as pessoas estavam a fugir de uma ameaça demasiado familiar,” refere uma reportagem do Channel 4 News. “O al-Shabaab, afiliado à al-Qaeda, disse ter efectuado este ataque, tal como tantos outros ao longo de quase duas décadas. Segundo a polícia somali, três dos atacantes foram mortos juntamente com o bombista suicida e um foi detido. Um soldado também foi morto no tiroteio.”

Quando terminou, 37 pessoas tinham morrido e 212 tinham ficado feridas. Tratou-se do ataque mais mortífero do al-Shabaab desde que dois veículos armadilhados mataram 121 pessoas e feriram 333 em Outubro de 2022.

Os ataques recordam-nos que, apesar de anos de intervenção militar estrangeira e de reforço das capacidades, o al-Shabaab consegue sair da sombra e infligir danos significativos.

AL-SHABAAB MOSTRA O SEU PODER

Samira Gaid, analista sénior do Corno de África na consultora Balqis Insights, em Nairobi, disse à

Familiares carregam uma mulher morta durante um ataque a 3 de Agosto de 2024 na praia de Lido, em Mogadíscio. AFP/GETTY IMAGES

Deutsche Welle que o ataque de Agosto de 2024 foi a forma encontrada pelo al-Shabaab para “anunciar o seu regresso à cidade, anunciar a sua existência.”

O grupo, que se formou em 2006 como um movimento nacionalista em resposta a uma invasão etíope, acabou por evoluir para uma insurgência terrorista e para o afiliado da al-Qaeda na África Oriental. As forças da UA expulsaram o grupo de Mogadíscio em 2011, pelo que este se concentrou em ataques terroristas de alto nível e em emboscar as forças de segurança.

O al-Shabaab extorque impostos em toda a zona rural, o que faz do grupo o afiliado mais lucrativo da al-Qaeda.

“O seu modelo de governação não se limita aos impostos, mas têm escolas onde doutrinam os alunos desde tenra idade,” disse Gaid. “Mas o mais importante é a forma como são capazes de ter em conta as queixas que existem na sociedade somali e que levaram ao colapso do Estado há 30 anos.”

O al-Shabaab é também a maior e mais forte filial da al-Qaeda, com 7.000 a 12.000 combatentes.

Em 2007, a Missão da UA na Somália (AMISOM) foi destacada para proteger e defender as instituições nascentes do país contra o al-Shabaab, ajudando



Pessoas reúnem-se na praia de Lido, em Mogadíscio, em Agosto de 2024, para chorar as 37 pessoas mortas num ataque à bomba e com armas do al-Shabaab. AFP/GETTY IMAGES

“ NUMA DETERMINADA SEMANA, CERCA DE 20% A 25% DO CONTEÚDO QUE ENCONTRAMOS NA INTERNET FOI PROVAVELMENTE CRIADO PELO AL-SHABAB. É ESSENCIALMENTE O MAIOR PRODUTOR INDIVIDUAL DE MATERIAL TERRORISTA NA INTERNET.” — Adam Hadley, director-executivo da Tech Against Terrorism

também o Exército Nacional da Somália e as forças policiais a garantir a segurança. A AMISOM deu lugar à Missão de Transição da UA na Somália (ATMIS) em Abril de 2022. Terminou em Dezembro de 2024.

Depois de as autoridades somalis terem solicitado um adiamento da retirada da ATMIS, o Conselho de Paz e Segurança da UA aprovou a Missão de Apoio e Estabilização da UA na Somália (AUSSOM). Centra-se na reconstrução pós-conflito, no desenvolvimento e na consolidação da paz, declarou o Conselho. A missão de quatro anos teve início a 1 de Janeiro de 2025 e prolonga-se até ao final de 2028.

As forças de segurança multinacionais e nacionais podem ajudar a manter o al-Shabaab à distância. Mas as autoridades terão de abordar as raízes da resistência do grupo terrorista, nomeadamente a sua capacidade

de propaganda e comunicação, a sua proeza financeira e o recurso a combatentes estrangeiros.

MENSAGEIROS TALENTOSOS

A extensa campanha de comunicação do al-Shabaab é a pedra angular da sua eficácia. O grupo utiliza as redes sociais, a rádio e um site chamado Shahada News Agency, o seu meio de comunicação oficial em língua árabe.

Em Julho de 2024, a Shahada indicou que iria publicar relatórios que incluam todos os países islâmicos, e não apenas a Somália e a África Oriental, para mostrar “a aceleração e o entrelaçamento dos acontecimentos e a universalidade do conflito,” segundo o Middle East Media Research Institute. No mesmo dia, o braço de propaganda lançou contas no X e no Facebook.

O Governo da Somália está a trabalhar para reduzir a proliferação e a eficácia da propaganda do al-Shabaab. Em Outubro de 2022, o governo proibiu oficialmente “a difusão de mensagens de ideologia extremista tanto nos meios de comunicação social oficiais como nas redes sociais,” de acordo com um comunicado de imprensa. Além disso, referiu que tinha suspenso mais de 40 páginas de redes sociais. A Agência Nacional de Inteligência e Segurança da Somália monitorizou as plataformas e informou as empresas de tecnologia para que estas pudessem remover os conteúdos.

“Foi uma tarefa difícil quando começámos, exigiu conhecimentos, competências e muito trabalho,” o Vice-Ministro da Informação, Abdirahman Yusuf al-Adala, disse à Voz da América (VOA) em Março de 2024. “Formámos pessoas com as competências necessárias, foram criados gabinetes especiais, foi disponibilizado equipamento e foi aprovada legislação pelo Parlamento. Mais de um ano depois, estamos numa boa posição e acreditamos ter atingido muitos dos nossos objectivos.”

O governo disse que tinha encerrado 20 grupos de WhatsApp e 16 sites que se pensava estarem ligados ao al-Shabaab. Mesmo assim, os extremistas criam constantemente novas contas nas redes sociais e ajustam os nomes de domínio. O grupo também se destaca pelo volume de material que produz e divulga.

Numa determinada semana, cerca de 20% a 25% do conteúdo que encontramos na internet foi provavelmente criado pelo al-Shabab,” Adam Hadley, director-executivo da Tech Against Terrorism, com sede em Londres, disse à VOA. “É essencialmente o maior produtor individual de material terrorista na internet.”

PROEZA FINANCEIRA

O al-Shabaab é famoso pela riqueza que gera através do comércio ilícito, da extorsão e da tributação. Alguns estimam que o seu consumo anual pode atingir os 150 milhões de dólares. A maior parte do dinheiro provém da tributação dos cidadãos, dos agricultores e das empresas. Outros financiamentos provêm das portagens rodoviárias e do comércio de carvão, açúcar e pesca, segundo o The Africa Report. Os extremistas apoiam os fluxos de receitas com ameaças de violência.

As autoridades governamentais encerraram centenas de contas e os aliados ocidentais visaram redes de branqueamento de capitais na África Oriental, na Europa e no Médio Oriente. Mas as empresas de fachada do al-Shabaab adquiriram participações em alguns bancos e exigem que os funcionários libertem o dinheiro congelado.

“Os bancos congelaram o dinheiro nas contas bancárias, mas estão a permitir-lhes levantar dinheiro mais facilmente, pois não querem que saiam do banco,” Matt Bryden, analista político canadiano e antigo colaborador de organizações das Nações Unidas na região, disse ao The Africa Report. “Falaram com o director do banco e ele não quer perder o seu negócio. Estão a pressionar os gestores dos bancos para que libertem os fundos.”

VIOLÊNCIA NA SOMÁLIA

A Somália representa cerca de um terço das mortes relacionadas com o islamismo militante em África, apenas atrás do Sahel.

Os 6.590 óbitos registados em 2024 são mais do dobro do total de 2020.

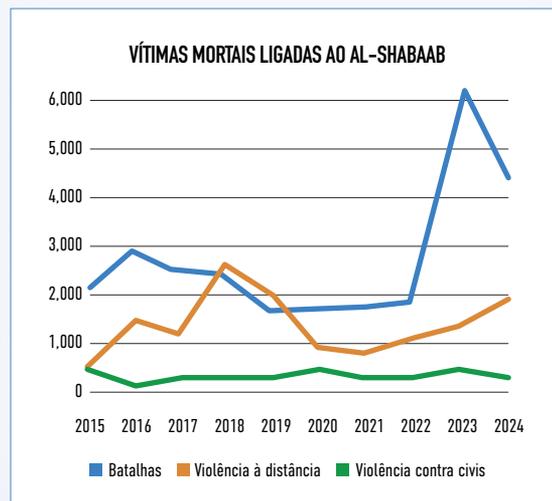
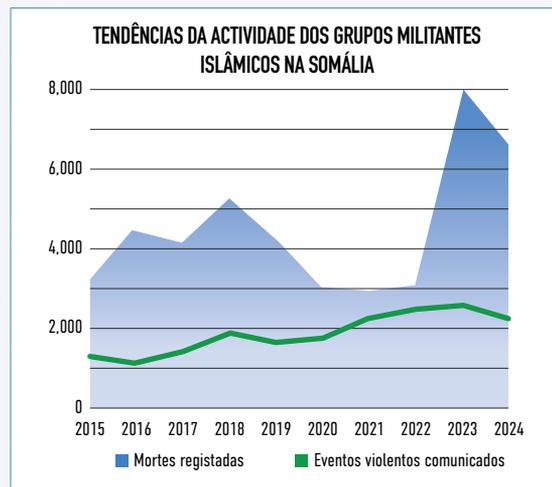
Este aumento do número de vítimas mortais deve-se, em grande parte, a uma ofensiva governamental lançada em 2022 e contra-ataques do al-Shabaab. Estas batalhas diminuíram nos últimos 12 meses.

Praticamente todos os eventos e mortes registados estão ligados ao al-Shabaab. O Estado Islâmico na Somália é responsável por menos de 1% desta actividade na Somália e no Quênia.

Os drones e os atentados suicidas, que constituem “violência à distância,” aumentaram nos últimos anos.

Registaram-se 640 incidentes no período de um ano. As mortes relacionadas com o recurso à violência à distância por parte do al-Shabaab mais do que duplicaram desde 2020, atingindo 1.950.

Fonte: Centro de Estudos Estratégicos de África usando dados do Projecto de Localização de Conflitos Armados e Dados de Eventos (até 30 de Junho)



COMBATENTES ESTRANGEIROS

Ironicamente, um grupo extremista que se formou em reacção a uma incursão de forças estrangeiras conta agora com combatentes da África Oriental para aumentar as suas próprias fileiras. O al-Shabaab tem vindo a produzir mensagens em Swahili desde pelo menos 2010 para atrair recrutas, de acordo com o Centro de Combate ao Terrorismo de West Point, em Nova Iorque.

Uma avaliação confidencial da UA afirmava que, à medida que a ATMIS continuava a sua retirada, o al-Shabaab “criou uma força pan-africana” com combatentes do Burundi, da República Democrática do Congo, da Etiópia, do Quénia, do Ruanda, da Tanzânia e do Uganda, de acordo com uma reportagem de Junho de 2024 do jornal The EastAfrican.

Muitos destes combatentes vêm do Quénia, que tem uma população somali significativa e um certo número de cidadãos muçulmanos descontentes, desejosos de melhorar a sua situação económica. Três pessoas do bairro suburbano de Pumwani, em Nairobi, falaram à PBS em 2016. Um homem, usando o pseudónimo Abdul, disse que os quenianos que tinham combatido com o al-Shabaab o radicalizaram na prisão.

“Começaram a falar, dizendo que o negócio deles era bom,” Abdul disse à PBS. “O seu negócio era o

al-Shabaab.” Recebeu 500 dólares para aderir e 100 dólares por semana depois disso.

Robert Ochola trabalhou ao nível das bases para contrariar o ensino radical. “É uma batalha,” disse à PBS. “É uma batalha de corações e mentes, e depende de quem oferecer mais a essas pessoas por quem se está a lutar.

“Quando não se tem nada, não se tem nada a perder. Quando se abandona a escola, provavelmente na escola primária, a mente está, de alguma forma, fechada numa caixa. E depois vem alguém que alimenta e enche a nossa mente com coisas radicais.”

O CAMINHO A SEGUIR NA SOMÁLIA

Apesar dos altos e baixos da batalha contra o al-Shabaab, a Somália e os seus parceiros internacionais continuam a obter vitórias significativas. Em Outubro de 2024, o Exército Nacional da Somália e as forças locais realizaram uma operação na zona de Qeycad, na região de Mudug, na qual foram mortos 30 militantes, segundo o site de notícias HornLife.com. Dois comandantes, Mohamed Bashir Muse e Madey Fodey, foram capturados, segundo relatos. Quarenta combatentes do al-Shabaab também ficaram feridos na batalha de dois dias.

Os soldados somalis conduziram a operação com a ajuda das forças do Estado de Galmudug e das milícias

Uma agente da polícia ugandesa ao serviço da AMISOM limpa a sua arma. A missão multinacional da União Africana foi destacada para a Somália de 2007 a 2022. AMISOM

As tropas etíopes abandonam a Base Operacional Avançada de Maxaas depois de a ATMIS a ter entregue às forças somalis em Agosto de 2024. AMISOM





dos clãs locais. Muitas das vitórias contra o al-Shabaab resultaram do aproveitamento do descontentamento dos clãs com os extremistas. De acordo com um relatório do International Crisis Group de 2023, esta medida tem funcionado especialmente bem na região central do país. O al-Shabaab alienou muitas comunidades com as suas “exigências persistentes e onerosas de dinheiro e de recrutas” e com a violência que exerce quando se recusam a obedecer.

Os soldados somalis forneceram às milícias dos clãs munições, alimentos e evacuações médicas, e os combatentes voluntários, conhecidos como macawisley devido aos sarongues que usam, ajudam os soldados a navegar no terreno local e na sua população. Este facto, combinado com o apoio da ATMIS, os ataques aéreos dos EUA e outras ajudas estrangeiras, tem sido um multiplicador de forças contra os extremistas.

No entanto, nem todos os clãs têm sido tão prestativos e o al-Shabaab tem demonstrado capacidade para infligir danos através de carros-bomba suicidas e outras táticas nas áreas que perdeu, informa o Crisis Group. O grupo também adaptou a sua abordagem às populações locais, “oferecendo mais incentivos do que penalizações” e integrando na sua retórica um compromisso com o bem público.

De acordo com o Crisis Group, “a colaboração do governo federal com o macawisley terá provavelmente motivado a mudança de tom do al-Shabaab.” “No passado, o grupo esteve mais disposto a fazer concessões aos clãs quando se sentia fraco, para depois as

Forças de segurança patrulham perto do Hotel Hayat, em Mogadíscio, depois de os militantes do al-Shabaab o terem destruído num cerco de 30 horas em Agosto de 2022, matando 21 civis. AFP/GETTY IMAGES

reverter quando estava numa posição mais forte.”

O desafio para o governo da Somália é encontrar uma forma de manter as áreas libertadas. Quando as forças governamentais, ajudadas por milícias baseadas em clãs, expulsam os extremistas de uma área, arriscam-se a perder os ganhos sem um plano para manter a presença e, ao mesmo tempo, cumprir os compromissos de serviço, de acordo com o Crisis Group. Se não o fizerem, o al-Shabaab tem a oportunidade de regressar.

A AUSSOM iniciou as suas actividades em Janeiro de 2025. Rosalind Nyawira, queniana, especialista em segurança e ex-directora do Centro Nacional de Combate ao Terrorismo do Quênia, disse que é bom que exista uma nova missão para colmatar as lacunas de segurança.

“Teremos de esperar e avaliar qualquer sucesso porque o inimigo com que vão lidar também tem uma forma de se ajustar — ajustando-se aos destacamentos de segurança, ajustando-se às estratégias,” Nyawira disse ao Centro de Combate ao Terrorismo de West Point em Setembro de 2024.

“O que é bom é que, pelo menos quando há outra missão a assumir, não há um vazio; qualquer vazio daria aos terroristas mais espaço para actuar. Esperemos que, com uma boa estratégia, consigam manter-se firmes e ser bem-sucedidos. Todos esperamos que funcione bem.” □

A dark, textured background with a large, irregular hole in the center. Through the hole, a bright, warm light emanates, creating a silhouette of a person wearing a hood and holding a rifle. The person is positioned in the center of the hole, with their back to the viewer. The overall mood is somber and menacing.

EXTREMISMO

ALASTRA-SE A PARTIR DO SAHEL

AS INICIATIVAS REGIONAIS SÃO A CHAVE PARA TRAVAR A EXPANSÃO

EQUIPA DA ADF

No final de 2024, a segurança no Sahel continuava terrível. Os ataques terroristas liderados por um afiliado do grupo Estado Islâmico (EI) eram uma ocorrência quase diária e a região era responsável por quase metade de todas as mortes por terrorismo a nível mundial. Pelo menos 2,8 milhões de pessoas foram forçadas a fugir das suas residências, incluindo 2,1 milhões só no Burkina Faso. Os grupos extremistas alargaram o controlo do território no interior dos países liderados por juntas militares, como Burkina Faso, Mali e Níger, e ameaçaram os Estados costeiros.

Os líderes da África Ocidental apelaram a uma resposta partilhada à crise.

“A magnitude e a complexidade do problema são alarmantes e exigem uma acção concertada,” o Dr. Michael Imran Kanu, representante permanente da Serra Leoa nas Nações Unidas, disse numa sessão de informação do Conselho de Segurança sobre a ameaça do terrorismo. “Nunca é demais sublinhar a importância de uma abordagem coordenada a esta ameaça transnacional.”

Os desafios comuns dos países da África Ocidental sublinham a necessidade de estratégias regionais para dar resposta às preocupações imediatas em matéria de segurança e às questões socioeconómicas subjacentes. O aumento global dos incidentes de terrorismo foi drástico, tendo aumentado mais de 2.000% nos últimos 15 anos. A insegurança alimentar, a pobreza, as tensões étnicas e a fragilidade dos governos são algumas das causas.

Milhões de jovens enfrentam um futuro incerto, com poucas oportunidades de emprego e outros benefícios económicos. E tornaram-se alvos vulneráveis para o recrutamento de terroristas.

Os extremistas procuram capitalizar as tensões étnicas, como o conflito de terras entre os pastores nómadas Fulani e os agricultores sedentários. Ao exacerbar estas tensões e ao atizar as chamas da raiva entre os jovens, os terroristas aumentam as suas fileiras.

“Os grupos terroristas estão a mostrar flexibilidade para se adaptarem,” disse Amar Bendjama, embaixador da Argélia na ONU, acrescentando que os grupos extremistas estão determinados a aproveitar a instabilidade social, económica e política para o seu benefício.



Um pastor vigia o gado na comunidade Paikon Kore em Gwagwalada, Nigéria. O país debate-se com a violência intercomunitária ou étnica e os conflitos entre pastores e agricultores são frequentes. Os terroristas utilizaram a situação para o seu proveito. AFF/GETTY IMAGES

“Estes fenómenos criam um terreno fértil para recrutar novos seguidores para as suas fileiras.”

A ascensão de organizações como a Jama’at Nusrat al-Islam wal-Muslimin e de grupos dissidentes do EI intensifica a violência em toda a região. Estes grupos têm como alvo não só as forças governamentais, mas também os civis, provocando crises humanitárias generalizadas. As táticas de terror incluem atentados bombistas suicidas, raptos, tortura, violação, casamentos forçados, recrutamento de crianças combatentes e ataques contra infra-estruturas governamentais, escolas, líderes tradicionais e líderes religiosos.

ALIANÇA DAS JUNTAS

Os governos das juntas do Burquina Faso, do Mali e do Níger formaram a Aliança dos Estados do Sahel em Julho de 2024 para se distanciarem de parceiros de segurança de longa data. A aliança optou pela cooperação com entidades não ocidentais, o Grupo Wagner de mercenários russos, para apoio militar. Os governos militares da aliança não conseguiram travar a ameaça do terrorismo.

Os críticos dizem que as juntas geralmente não dão prioridade à estabilidade ou à boa governação. Em cada país, dizem, as juntas estão a recorrer cada vez mais à repressão para se manterem no poder.

No final de 2024, os três países da aliança retiraram-se da Comunidade Económica dos Estados da África

Ocidental (CEDEAO), que lhes ofereceu seis meses de diálogo para mudarem de ideias. No rescaldo da cisão, a CEDEAO foi amplamente elogiada por ter tentado levar os três países a realizar eleições livres e a regressar às democracias.

A decisão da junta do Níger de suspender a cooperação militar com os EUA está a alterar a dinâmica de segurança em toda a região. O instituto Dimensions for Strategic Studies refere que os países da aliança “adquiriram grandes quantidades de armas a fontes não tradicionais — Rússia, Turquia, Irão e China — em nome da ‘diversificação das parcerias.’”

À medida que os grupos terroristas se expandem, aumenta o risco de a violência se alastrar para regiões urbanas anteriormente consideradas seguras. A zona de Liptako-Gourma, uma região de fronteira tríplice entre o Burquina Faso, o Mali e o Níger, tornou-se um epicentro de ataques que podem facilmente alastrar-se para os territórios costeiros.

A instabilidade no Sahel não se confina às suas fronteiras. Actualmente, ameaça directamente as nações costeiras da África Ocidental, especificamente o Benin, a Costa do Marfim, o Gana e o Togo. Os terroristas valorizam os países costeiros pelos seus portos, que dão acesso a crimes lucrativos como o tráfico de armas, o abastecimento de petróleo, a pirataria e o contrabando de droga e de seres humanos.

A polícia de choque dispersa os manifestantes que exigem medidas mais eficazes de combate ao terrorismo, em Ouagadougou, Burquina Faso.

AFP/GETTY IMAGES



Os países costeiros estão a trabalhar para reforçar as suas defesas contra a invasão terrorista. A Costa do Marfim, com uma das economias mais dinâmicas da África Ocidental, tornou-se um líder na luta contra o terrorismo. Criou uma iniciativa nacional de luta contra o branqueamento de capitais e o financiamento do terrorismo. Construiu bases militares e desenvolveu unidades antiterroristas ao longo das suas fronteiras setentrionais com o Burquina Faso e o Mali. Em Janeiro de 2022, o então Primeiro-Ministro Patrick Achi lançou um programa para evitar que os terroristas recrutassem jovens das regiões fronteiriças. No final desse ano, o programa tinha trabalhado com cerca de 23.000 jovens. O programa desenvolve estágios e outras oportunidades de emprego.

O Gana também tem trabalhado para manter os terroristas afastados, procurando obter mais assistência de parceiros internacionais, como um pacote de apoio de 22 milhões de dólares da União Europeia. O Gana aderiu a iniciativas de prevenção de conflitos, como a Lei da Fragilidade Global dos EUA, que prevê o

financiamento de programas de combate ao terrorismo. O Gana enviou mais de 1.000 membros das suas forças especiais de elite e centenas de agentes de segurança para a sua região fronteiriça do norte, ao mesmo tempo que procedeu a uma reestruturação significativa das forças de segurança do país.

INICIATIVAS REGIONAIS

Numa tentativa de combater a propagação do terrorismo, prevenir ataques terroristas e reprimir o crime organizado, o Benin, o Burquina Faso, a Costa do Marfim, o Gana e o Togo criaram a **Iniciativa de Acra** em 2017. Trata-se de um mecanismo de colaboração em matéria de segurança assente em três pilares: partilha de informações e de dados, formação do pessoal de segurança e de informações e realização de operações militares transfronteiriças conjuntas. O Instituto de Estudos de Segurança afirma que as reuniões daquela iniciativa são realizadas a dois níveis — chefes dos serviços de segurança e de informações e ministros governamentais responsáveis pela segurança.

Membros da junta militar do Mali acenam aos apoiantes. Desde então, a junta tem lutado contra uma vaga de ataques terroristas.

THE ASSOCIATED PRESS





Comandantes militares inspecionam armas e munições recuperadas dos terroristas do Boko Haram no Estado de Yobe, na Nigéria. A insurgência alastrou-se para Camarões, Chade e Níger. AFP/GETTY IMAGES

“Dada a sua composição, a Iniciativa de Acra representa o órgão mais lógico para coordenar uma maior cooperação regional em matéria de segurança na costa ocidental africana,” refere o Centro de Estudos Estratégicos de África (ACSS). “A Iniciativa de Acra, concebida num contexto específico, tem por objectivo promover uma maior coordenação, reunindo uma coligação de interessados como forma de mediação da cooperação. A iniciativa serve de intermediário entre um conjunto de países geograficamente próximos, que partilham objectivos de segurança regional e que necessitam de construir uma mobilização colectiva.”

Outra instituição regional de combate ao terrorismo é a **Força-Tarefa Conjunta Multinacional (MNJTF)**, constituída maioritariamente por unidades militares do Benin, dos Camarões, do Chade, do Níger e da Nigéria. Está sediada em N’Djamena, no Chade, com o mandato de pôr fim à insurgência do Boko Haram. Em 2024, contava com 10.000 efectivos dos seus países-membros. Tem por missão proteger os civis de ataques violentos, criar programas

de estabilização para as comunidades da Bacia do Lago Chade e estabelecer operações humanitárias e assistência às áreas afectadas.

O mandato da MNJTF envolve um processo de duas fases. “Em primeiro lugar, conduz acções cinéticas contra o Boko Haram e as suas ramificações, incluindo operações antiterroristas, campanhas de desminagem, patrulhas, operações de busca e resgate de reféns e campanhas de mensagens para encorajar as deserções,” segundo um relatório do ACSS.

“Em segundo lugar, a MNJTF fornece uma plataforma de coordenação para abordar os factores de extremismo violento na região através da sua Estratégia Regional para a Estabilização, Recuperação e Resiliência da Região do Lago Chade.”

A **CEDEAO** foi criada há 50 anos como uma união política e económica regional dos 15 países-membros originais. O seu objectivo era melhorar o nível de vida e promover o desenvolvimento económico em toda a região. Desde então, evoluiu para o que o ACSS descreve como “o



UMA RESPOSTA HOLÍSTICA AO TERRORISMO

As Nações Unidas estabeleceram seis domínios fundamentais para a cooperação regional na luta contra o terrorismo no Sahel:

- **Reforçar a cooperação bilateral e regional** para manter a paz, a segurança e o desenvolvimento socioeconómico da região.
- **Executar os programas de desenvolvimento sustentável** para melhorar as condições de vida da população e, em especial, para assegurar a integração social e económica dos jovens.
- **Combater o terrorismo e a criminalidade** conquistando o apoio das populações locais.
- **Desenvolver uma abordagem antiterrorista integrada** por parte dos governos, das organizações regionais e da comunidade internacional.
- **Reforçar a cooperação judiciária** e o controlo dos fluxos financeiros ilícitos.
- **Melhorar a coordenação** entre os altos comandos militares dos países do Sahel.

quadro de cooperação regional preponderante na África Ocidental devido à vontade política dos seus membros, ao forte quadro jurídico e à experiência de longo prazo em matéria de paz e segurança.” O Conselho de Relações Externas descreve-o como “sem dúvida o modelo mais bem-sucedido de cooperação regional em África.”

O histórico protocolo da CEDEAO de 1976 permite que os cidadãos circulem livremente entre os países-membros.

“O protocolo sobre a livre circulação de pessoas, bens e serviços permite aos cidadãos o direito de residência em qualquer Estado-membro e tem sido um cartão-de-visita da CEDEAO ao longo dos anos,” disse o Embaixador Abdel-Fatau Musah, Comissário da CEDEAO para os Assuntos Políticos, Paz e Segurança. “É uma conquista importante que as pessoas na África Ocidental não tenham de pensar em vistos quando atravessam as fronteiras da região.”

Embora não seja tecnicamente uma organização anti-terrorista, o **Código de Conduta de Yaoundé** é um acordo de segurança marítima assinado em 2013 por 25 países do Golfo da Guiné para combater a pirataria, os assaltos à

mão armada contra navios e outros crimes marítimos na região da África Ocidental e Central. Criou uma arquitetura de segurança zonal para responder colectivamente às ameaças marítimas na zona que se estende do Senegal a Angola. A Arquitectura de Yaoundé coordena e partilha informações entre os países participantes.

Desde então, o código tem incentivado os países-membros a introduzir melhorias tecnológicas na capacidade de radar e de vigilância para prevenir o terrorismo, a criminalidade e a pirataria.

“Os países do Golfo têm agora um maior conhecimento da actividade dos navios nas suas águas e podem dar respostas mais fundamentadas em situações de emergência, como a pirataria, os assaltos à mão armada e o roubo de petróleo,” Ifesinachi Okafor-Yarwood, especialista em segurança marítima, escreveu num artigo para a revista *The Conversation*. “Sem o Código de Conduta de Yaoundé e as novas tecnologias que este introduziu, a partilha de informações, a recolha de provas e a cooperação entre países não teriam sido possíveis.” □

Camarões Adquirem Espingardas de Assalto Turcas MPT-76

EQUIPA DA ADF

O exército dos Camarões está a equipar as suas forças especiais com espingardas de assalto MPT-76 de fabrico turco. Desenvolvida no final dos anos 2000 para o exército turco, a MPT-76 é frequentemente comparada à espingarda AR-15 e tem semelhanças visuais com a HK-417 alemã, de acordo com o The Defense Post.

A espingarda tem câmara para munições de 7,62x51 mm padrão da NATO. Os primeiros protótipos foram construídos em 2008, utilizando munições mais



pequenas, mas foram mal recebidos pelos soldados turcos. Foi remodelado para as munições do padrão da NATO. Tem um carregador de 20 balas e dispara 650 balas por minuto.

A MPT-76 está disponível em três comprimentos de cano, mas

a versão utilizada pelos Camarões está equipada com um cano de 40 centímetros. O The Defense Post refere que as espingardas turcas também são utilizadas por Azerbaijão, Senegal e Somália.

As armas destinam-se a ser utilizadas nas regiões noroeste e sudoeste dos Camarões, onde uma insurgência separatista tem vindo a agitar-se desde 2017. Vários grupos armados querem criar um Estado chamado Ambazónia a partir das regiões anglófonas dos Camarões. O conflito já matou mais de 6.000 pessoas e deslocou 765.000.

Marinha Tunisina Aumenta a Frota de Patrulha

EQUIPA DA ADF

A Tunísia está em vias de comprar aos Estados Unidos um número não revelado de barcos de patrulha Archangel de 20 metros, com um custo total estimado em 110 milhões de dólares. A aquisição incluirá sistemas de GPS, de navegação e de comunicações, bem como formação.

“A venda proposta irá equipar melhor a Tunísia para contribuir para os objectivos comuns de segurança, promover a estabilidade regional e criar interoperabilidade com os Estados Unidos e os parceiros ocidentais,” anunciou o Departamento de Estado dos EUA.

Acrescentou que a Marinha Tunisina utiliza estes barcos para “busca e salvamento, aplicação da lei marítima e outras operações relacionadas com o mar para garantir a segurança do país e da região.”

A Tunísia adquiriu Archangels semelhantes em 2015. As embarcações da SAFE Boats International, sediada nos EUA, estão equipadas com dois motores a diesel de 1.600 cavalos, assentos com amortecedores e controlo climático. Os seu alcance é de até 400 milhas náuticas.

Devido à sua experiência com os seus barcos Archangel, a Marinha Tunisina integrará facilmente os novos barcos assim que forem aprovados, relata a Overt Defense. Os barcos destinam-se a ser utilizados perto da costa e em vias navegáveis interiores. Os analistas disseram à Breaking Defense que estas embarcações são



Um barco de patrulha Archangel de 20 metros da Marinha Tunisina navega perto da base naval de Bizerte.

EMBAIXADA DOS ESTADOS UNIDOS NA TUNÍSIA

particularmente úteis para o combate ao contrabando e para patrulhas ligeiras de segurança. O país conta com 1.148 quilómetros de costa.

O estatuto da Tunísia como força marítima regional começou a mudar drasticamente em 2009, quando recebeu 14,5 milhões de dólares em financiamento militar dos EUA para 10 pequenos barcos de resposta de 8 metros e cinco barcos de resposta médios de 13 metros, juntamente com peças sobressalentes, formação e apoio. Os barcos de reacção são normalmente utilizados em operações de combate ao narcotráfico, busca e salvamento, interdição do tráfico e resposta ambiental.



Empresa Nigeriana Apresenta Veículo Blindado

EQUIPA DA ADF

A Proforce da Nigéria apresentou um novo veículo blindado, o PF Hulk, concebido para o transporte de tropas e equipamento militar.

A empresa afirmou que o veículo resistente a minas e protegido contra emboscadas (MRAP) pode resistir a uma mina antitanque de 8 kg sob qualquer roda e sob o centro, bem como a munições perfurantes e projectéis altamente explosivos. Pode transportar cerca de 10 pessoas e comporta uma instalação de sistemas de armas e outros equipamentos especiais. Também pode puxar sistemas de reboque. Tem um alcance de 1.000 quilómetros.

O Hulk é o último de uma lista crescente de veículos blindados da Proforce. Em Julho de 2022, a empresa apresentou o veículo leve PF Fury, que, segundo a empresa, se destina à infantaria nigeriana e a operações especiais.

Na extremidade maior da escala, o veículo MRAP emblemático da Proforce é o seu Ara. A Proforce também apresentou o seu veículo blindado de transporte de pessoal PF Viper, originalmente lançado em 2021 como uma versão mais leve, mais rápida e mais manobrável do Ara, segundo a defenceWeb.

O principal veículo blindado de transporte de pessoal da empresa é o PF2, que foi exportado para o Ruanda, a República Centro-Africana e o Sudão do Sul, onde é utilizado em missões de manutenção da paz das Nações Unidas.

A nível nacional, a Força de Polícia da Nigéria adquiriu vários PF2, incluindo veículos utilizados nos Estados de Rivers e Lagos.

Angola Recebe o Primeiro C295 da Airbus

DEFENCEWEB

A Força Aérea Angolana recebeu o primeiro de três novos transportes C295 da Airbus, tendo a aeronave chegado a Luanda.

O C295 veio da fábrica da Airbus em Sevilha, Espanha, e chegará à capital angolana em Julho de 2024. Está configurado como um plano de transporte. Os restantes dois serão configurados para vigilância marítima. Os planos de aquisição dos aviões estão em curso há seis anos.

“Os dois C295 configurados como Aeronaves de Vigilância Marítima desempenharão um papel fundamental na busca e salvamento, no controlo da pesca ilegal e das fronteiras, no apoio em caso de catástrofes naturais e em missões de recolha de informações, entre outras,” declarou a Airbus.

O Airbus C295 é um avião de transporte tático médio concebido e inicialmente fabricado pela empresa aeroespacial espanhola CASA, que agora faz parte da divisão multinacional europeia Airbus Defence and Space. O C295 tem 24,5 metros de comprimento e uma envergadura de 25,8 metros. É significativamente menor do que outros aviões de transporte no mercado, mas o seu alcance de 4.300 quilómetros é superior ao dos concorrentes.

Um número crescente de países africanos adquiriu o C295. A Argélia tem seis, o Burquina Faso tem um, a Costa do Marfim tem um, o Egipto tem 24, a Guiné Equatorial tem dois encomendados, o Gabão tem um, o Gana tem três, o Mali tem dois e o Senegal tem um e mais um encomendado. No total, 10 países, incluindo um cliente não revelado, operam ou encomendaram 44 aeronaves em África, tendo estas atingido mais de 100.000 horas de voo desde 2005.

A empresa citou um bom exemplo de “resiliência e desempenho excepcional do C295 em território africano” durante uma missão internacional de manutenção da paz que a Força Aérea Senegalesa realizou no Mali em Setembro de 2023, com 28 rotações de tropas em 14 dias, com um total de 200 horas de voo — 16 horas por dia.

A Airbus afirmou que fornece aos operadores do C295 apoio material, incluindo reparações e peças sobressalentes, apoio técnico com um representante de serviço no terreno, uma base de dados de navegação e actualizações de publicações técnicas.

Um Airbus C295 chega para aterrar.





Centro de Crime Cibernético da Nigéria Nomeado o Melhor de África

EQUIPA DA ADF

A Direcção de Crime Cibernético da Interpol em Singapura classificou a Força Policial da Nigéria — Centro Nacional de Combate ao Crime Cibernético em primeiro lugar entre 54 países africanos em 2024. Entre outras realizações, o centro recuperou 5,6 milhões de dólares em fundos roubados, prendeu 751 pessoas suspeitas de Crime Cibernético e apreendeu 785 dispositivos utilizados em ataques.

A Nigéria é o país mais afectado pela crime cibernético em África e lançou programas para combater crimes como o roubo de identidade, crimes relacionados com cartões SIM e ransomware. O país tem agido no sentido de modernizar as suas leis para acompanhar os novos crimes.

“Não podemos ter sucesso na luta contra o crime cibernético isoladamente,” Mohammed Isah, chefe do Cybercrime Operation Desk da Interpol, disse na Semana da Segurança Cibernética 2024. “Seja do lado da aplicação da lei, do sector privado ou de outros intervenientes relevantes. Temos de trabalhar em conjunto.”

A Nigéria criou o centro em 2017 como centro policial para combater o crime cibernético. Em 2021, o país lançou uma Importante Infra-estrutura Pública Nacional, que permite o intercâmbio seguro de dados

através da autenticação dos utilizadores. Em resposta ao roubo de dados, a Agência Nacional de Dados de Tecnologia da Informação criou uma equipa de investigação de violações de dados e abriu laboratórios forenses digitais.

Mas a Nigéria continua a enfrentar um desafio assustador. O país regista mais de 2.560 ataques cibernéticos por semana, segundo o Sistema Central de Valores Mobiliários da Nigéria. Em 2019, um inquérito revelou que 86% das empresas comunicaram que a sua infra-estrutura de nuvem pública tinha sido atingida por um ataque cibernético, o segundo mais elevado entre 26 países inquiridos.

O centro acredita que está a ter um impacto através de detenções e de uma pressão implacável sobre as gangues. Uma operação coordenada com a Interpol em 2024 teve como alvo a gangue Black Axe da Nigéria e resultou em 300 detenções, 3 milhões de dólares em bens apreendidos e 720 contas bancárias bloqueadas em vários países.

“Posso dizer-vos claramente que os criminosos cibernéticos não estão a ser fáceis connosco,” afirmou o Comissário da Polícia Uche Henry, director do centro. “Eles sabem que, quando se trata de combater o crime cibernético, não nos comprometemos de forma alguma. Damos o nosso melhor na luta e continuaremos a dar o nosso melhor para garantir que levamos à justiça quem quer que decida entrar no crime cibernético.”



Uma nova sede da Força Policial da Nigéria — Centro Nacional de Combate ao Crime Cibernético foi inaugurado em Abuja em 2024. NPF-NCCC



LIBÉRIA PRETENDE LEVAR A INTERNET A TODOS COM O ACORDO DA STARLINK

EQUIPA DA ADF

A **LIBÉRIA** assinou um acordo com a Starlink, da SpaceX, que espera expandir o acesso à internet em todo o país. O acordo de licenciamento foi lançado em Novembro de 2024, com a promessa de levar serviços de internet por satélite às casas, mesmo nos cantos mais remotos da Libéria.

“Pela primeira vez na história do nosso país,

estamos a tornar o acesso universal à internet uma realidade,” afirmou o presidente em exercício da Autoridade das Telecomunicações da Libéria, Abdullah Kamara. “Este acordo permitirá à Starlink fornecer internet de alta velocidade a todas as aldeias, cidades e comunidades, por mais remotas que sejam. É um momento de orgulho.”

Quando estiver concluído, o serviço poderá aumentar a cobertura da internet de 60% para quase 100%, segundo as autoridades.

A Starlink opera noutros 10 países africanos. A empresa utiliza uma rede de satélites de baixa altitude ligados a estações terrestres para fornecer serviços de internet de banda larga sem necessidade de um modem tradicional.

“Isto é um divisor de águas para o nosso país,” disse Kamara. “Estamos a avançar para a conectividade universal, o que irá abrir inúmeras oportunidades para os liberianos.”

A autoridade emitiu uma licença provisória de um ano para a Starlink. O custo para os utilizadores não foi estabelecido, mas a Starlink é obrigada a trabalhar com fornecedores locais de serviços de internet na Libéria como parte do acordo.

Apenas 30% dos 5,3 milhões de habitantes da Libéria têm acesso a serviços de internet fiáveis, segundo o site da autoridade. O país espera que o acordo de um ano prove o seu valor e se transforme numa parceria a longo prazo.

Acima: Uma antena parabólica residencial Starlink e um router
STARLINK LIBERIA

CHEFE DAS FORÇAS ARMADAS DO GANA APELA À VIGILÂNCIA CONTRA AMEAÇAS CIBERNÉTICAS

EQUIPA DA ADF

Numa altura em que o Gana se preparava para as eleições presidenciais, o Chefe do Estado-Maior das Forças Armadas, Tenente-General Thomas Opong-Peprah, alertou para as campanhas de desinformação e propaganda destinadas a semear divisão no país.

No seu discurso de abertura do Mês da Consciencialização Cibernética, em Outubro de 2024, sublinhou “a necessidade de reforçar a capacidade dos cidadãos para detectar e prevenir a proliferação de ameaças cibernéticas.” Prometeu também que as Forças Armadas do Gana (FAG) desempenhariam um papel de apoio para manter o país seguro

à medida que as eleições de Dezembro de 2024 se aproximavam. “As Forças Armadas do Gana estão prontas a apoiar as autoridades civis e outras agências de segurança para garantir que o Gana continue a ser um farol de democracia em África,” afirmou Opong-Peprah.

Como parte do mês de sensibilização, o GAF colaborou com a Autoridade de Cibersegurança e o Ministério da Comunicação e Digitalização para produzir um documento de estratégia e política nacional de segurança cibernética.

A Ministra das Comunicações e da Digitalização do Gana, Ursula Owusu-Ekuful, afirmou que o país está a combater o aumento de vídeos “deepfake,” de canais do YouTube que espalham desinformação e de mensagens encriptadas nocivas partilhadas no Telegram com o objectivo de afectar as eleições. Disse que “70% da desinformação online é difundida por apenas 10% das contas das redes sociais.”

Owusu-Ekuful exortou a Autoridade Nacional de Comunicações, os Serviços de Polícia do Gana e a Procuradoria-Geral da República a processar os casos de desinformação ao abrigo da Lei das Comunicações Electrónicas e do Código Penal do país.

O Dr. Albert Antwi-Boasiako, director-geral da Autoridade de Segurança Cibernética do Gana, afirmou que, acima de tudo, a protecção da democracia exige que o público se eduque para evitar ser enganado.

“Temos de nos empenhar activamente na melhoria da nossa literacia digital e na promoção de hábitos saudáveis na internet, à medida que navegamos através das miríades de informações para tomar decisões eleitorais,” afirmou. “Cada cidadão, independentemente da sua orientação política, deve ser educado para reconhecer informações falsas e maliciosas.”

Antwi-Boasiako exortou os cidadãos a utilizarem ferramentas de verificação de factos para verificar as informações que encontram na internet e incentivou as empresas a investirem na segurança cibernética e a formarem os seus funcionários em matéria de protecção de dados. Segundo ele, apenas cerca de 35% a 40% dos ganeses têm conhecimentos básicos sobre o espaço cibernético.

“A sensibilização é o melhor mecanismo para prevenir [o crime cibernético],” disse aos jornalistas após o evento de Outubro. “Está a aumentar, mas penso que há mais trabalho a fazer.”



O Tenente-General Thomas Opong-Peprah discursa num evento do Mês da Consciencialização Cibernética em Camp Burma, Acra.

FORÇAS ARMADAS DO GANA



Equipa Médica do Senegal **PRIMEIRA EM ÁFRICA A OBTER A CERTIFICAÇÃO DA OMS**

EQUIPA DA ADF

A equipa médica de emergência do Senegal tornou-se a primeira em África a receber a certificação da Organização Mundial de Saúde pela sua capacidade de resposta a crises sanitárias.

O reconhecimento significa que a equipa pode ser enviada para emergências a nível mundial no prazo de 72 horas após ser activada e criar um hospital com 30 camas que pode prestar cuidados médicos e cirúrgicos para cerca de 2.500 doentes por mês. Trata-se de um marco que “reforça significativamente” a capacidade de resposta a emergências em África, informou a OMS.

A Equipa de Emergência Médica (EMT) Tipo 2 do Senegal, composta por profissionais de saúde militares e sob a direcção do Exército, passou por um rigoroso processo de seis anos para obter a certificação. Isso culminou numa simulação de

três dias de um evento de acidente em massa com a participação de funcionários da OMS no Centro de Formação Táctica Capitão Mbaye Diagne em Thiès, em Outubro de 2024. Antes do evento, a equipa tinha sido treinada para montar o hospital em 72 horas, mas concluiu a tarefa em menos de 48 horas.

“Esta certificação demonstra o empenho inabalável do Senegal em melhorar a sua capacidade de gerir crises sanitárias e proteger as populações, tanto a nível nacional como internacional,” afirmou Birame Diop, Ministro das Forças Armadas do Senegal.

A equipa foi enviada para crises na República Democrática do Congo, na Guiné e na Serra Leoa. Representantes de cinco outros países participaram no exercício de certificação para observar e inspirar-se. Alguns disseram que esperam ver o sucesso do Senegal replicado em toda a região.

“Estamos aqui como observadores, como facilitadores, como avaliadores, mas também para nos inspirarmos no modelo senegalês,” disse o Capitão Sylla Salifou Marietou da EMT da Guiné. “Consideramos que é o modelo de topo que nos permite ajudar outros países em caso de necessidade e para o nosso plano interno.”

Com a certificação, a EMT do Senegal tornou-se a 49.^a equipa certificada a nível mundial, com 130 outras ainda a trabalhar para obter a certificação.

“Este marco contribui significativamente para a crescente experiência da região na resposta a emergências de saúde pública,” afirmou a Dra. Matshidiso Moeti, directora regional da OMS para África. “Os paramédicos são cruciais para reforçar a capacidade dos sistemas nacionais de saúde, proporcionando uma acção rápida para salvar vidas em tempos de crise.”

Equipa de Emergência Médica do Senegal treina para obter a certificação da OMS. OMS



Libéria Cria Academia de Sargentos Para Apoiar o Profissionalismo Militar

EQUIPA DA ADF

As Forças Armadas da Libéria (AFL) estão a expandir a sua capacidade de formação militar interna através da criação de uma Academia de Sargentos.

Em Dezembro de 2024, 40 alunos concluíram um curso piloto de nove semanas no Centro de Formação das Forças Armadas da AFL em Camp Ware. Todos os ramos da AFL estavam representados e três oficiais femininos encontravam-se entre os diplomados.

“Nunca é demais sublinhar a importância da educação profissional nas forças armadas,” o Major-Sargento Plazian B. Kuoh, conselheiro sénior do Centro de Formação das Forças Armadas, disse à ADF. “A função e a responsabilidade de cada comandante é liderar, desenvolver e realizar. Para o conseguir, são necessárias instituições como a Academia de Sargentos.”



Soldados das Forças Armadas da Libéria treinam com armas de fogo na recém-criada Academia de Sargentos em Camp Ware. FORÇAS ARMADAS DA LIBÉRIA

O Major-Sargento William F. Tabolo, do Comando da AFL, que participou no curso inaugural, disse que este é o primeiro de muitos outros que estão por vir e enalteceu a parceria da Libéria com a Guarda Nacional do Michigan por ter ajudado a lançar a academia.

A equipa de formação da guarda nacional “apoiou-nos no processo [de criação da academia], começando por validar os instrutores antes do curso, até ao acompanhamento do curso durante a sua realização e à realização de uma análise pós-acção com os alunos e instrutores,” sublinhou Tabolo.

Os sargentos desempenham um papel crucial nas forças armadas. Aperfeiçoam a eficácia e a prontidão de uma unidade, treinando e liderando soldados e equipas. Também aplicam as políticas estabelecidas pelas forças armadas e desenvolvem relações de trabalho com os oficiais superiores.

“Acredito que os sargentos podem desempenhar um papel importante na oferta de formação profissional aos soldados e na melhoria do profissionalismo, porque têm a experiência exacta e compreendem a metodologia de ensino aplicável”, disse Kuoh.

O curso piloto centrou-se na preparação, formação e gestão de programas, comunicações e operações.

UA TOMA MEDIDAS PARA TRAVAR A EXPANSÃO DE MERCENÁRIOS

EQUIPA DA ADF

O número de mercenários que operam em países africanos tem aumentado nos últimos anos, liderados pelo antigo Grupo Wagner da Rússia. Em resposta, a União Africana está a trabalhar no sentido de travar o impacto destrutivo dos combatentes estrangeiros e de assegurar a sua supervisão através de um projecto de convenção com 40 artigos e de um documento de orientação sobre o envolvimento de mercenários.

A convenção, que seria uma actualização de uma convenção promulgada em 1977, poderia incluir disposições para controlar as violações dos direitos humanos cometidas por mercenários e sanções mais severas para os países que empregam combatentes estrangeiros.

“Temos de tomar uma posição para erradicar este flagelo e garantir o respeito pela nossa soberania,” Pupurai Togarepi, deputado do Zimbabwe, disse num debate no Parlamento Pan-Africano, em Junho de 2024, sobre a revisão da convenção sobre actividades mercenárias.

Um representante da Líbia sublinhou a necessidade de nos concentrarmos nos mercenários internacionais que desempenham o papel mais destrutivo no continente. “As nações africanas devem unir-se para tornar estes grupos impotentes e proteger o nosso povo,” Salem Masoud Gnan sugeriu no debate.

Os esforços para controlar os mercenários datam de 1977, com a Convenção da Organização da Unidade Africana para a Eliminação do Mercenarismo em África. Essa convenção alertava para a “grave ameaça que as actividades dos mercenários representam para a independência, a soberania, a integridade territorial e o desenvolvimento harmonioso” dos países africanos. Em Dezembro de 2023, o Conselho de Paz e Segurança da UA apelou para uma revisão dessa convenção devido ao aumento do número de mercenários.



Um mercenário russo monta guarda na República Centro-Africana. A União Africana está a procurar formas de controlar os mercenários e combatentes estrangeiros.

AFP/GETTY IMAGES

A Rússia tem desempenhado um papel de relevo na exportação de mercenários para África. No auge do conflito na Líbia, estima-se que havia cerca de 20.000 combatentes estrangeiros no país, incluindo muitos da Rússia. O Grupo Wagner enviou cerca de 5.000 a 7.000 combatentes para países como a República Centro-Africana, a Líbia, o Mali e o Sudão. Relatórios publicados afirmam que o Africa Corps da Rússia, o sucessor do Grupo Wagner, pretende aumentar o tamanho da sua força para 20.000 combatentes.

Os observadores alertam para o potencial destrutivo destes mercenários.

“Durante a Guerra Fria, os governos africanos eram normalmente cautelosos em relação a mercenários e combatentes estrangeiros. No entanto, as elites governantes africanas convidam-nos e utilizam-nos activamente para consolidar o poder e combater o terrorismo, marcando uma mudança em relação às práticas do passado,” escreveram os autores de uma nota política do Institute for Pan-African Thought and Conversation. “Esta prática essencialmente terceiriza a soberania da segurança a combatentes estrangeiros, sem responsabilidade e oferece uma negação plausível!”



ONU: Redução das Missões de Manutenção da Paz COLOCA EM PERIGO AS MULHERES

NAÇÕES UNIDAS

Altos funcionários das Nações Unidas estão a alertar para as consequências de não proteger as mulheres e os seus direitos em zonas de conflito, no meio de recentes decisões de encerrar ou reduzir as missões de manutenção da paz e as missões políticas especiais.

Sima Bahous, directora-executiva da ONU Mulheres, que defende a igualdade de género em todo o mundo, disse aos embaixadores numa reunião do Conselho de Segurança em Agosto de 2024 que alguns governos estão a cortar na defesa apesar do aumento dos conflitos e da insegurança.

“É contra-intuitivo que, face a níveis de conflito e violência sem precedentes, o número de efectivos de manutenção da paz

tenha caído quase para metade, de 121.000 em 2016 para cerca de 71.000 em 2024,” lamentou Bahous. Salientou a crescente violência contra as mulheres e as raparigas, acrescentando que as guerras estão a ser travadas com um claro desrespeito pelas suas vidas e direitos.

Os funcionários da ONU referiam-se ao Mali, onde a missão de manutenção da paz da ONU, MINUSMA, foi encerrada em Dezembro de 2023 por insistência das autoridades militares de transição. Antes da sua partida acelerada, o país tinha assistido a um progresso “transformador” que reforçou a participação política das mulheres, segundo as autoridades.

Os funcionários também manifestaram a sua preocupação com as recentes partidas de missões dos principais focos de conflito, que deram origem a vazios de segurança e aumentaram a vulnerabilidade das mulheres e raparigas. As retiradas diminuíram a capacidade da ONU para apoiar os parceiros nacionais no combate à violência sexual relacionada com conflitos em domínios como a investigação, a apresentação de relatórios e a assistência aos sobreviventes.

“Tememos um futuro de atrocidades crescentes contra as mulheres, a sua marginalização cada vez maior da tomada de decisões e, em última análise, um fracasso da comunidade internacional,” desabafou Bahous. “Essa perspectiva deveria ser, e estou confiante que é, inaceitável para todos nós.”

Mulheres vendem produtos na feira de segunda-feira em frente à Grande Mesquita de Djenné, no Mali. As Nações Unidas afirmam que países como o Mali estão a perder terreno na protecção das mulheres.

Esquerda: Uma mulher carrega uma rede de pesca na região de Ségou, no Mali. AFP/GETTY IMAGES





UA: A Força em Estado de Alerta Deve Adaptar-se para Proteger

DEFENCEWEB

Um funcionário da União Africana afirmou que a Força Africana em Estado de Alerta precisa de evoluir à medida que o panorama de segurança do continente vai mudando.

Num webinar realizado em Setembro de 2024, o Dr. Alhadji Sarjoh Bah, director do Departamento de Paz e Segurança da UA para a Gestão de Conflitos, afirmou que a força fez progressos significativos nos seus 20 anos de existência. Disse que contribuiu para as operações de apoio à paz em todo o continente, “muitas vezes em circunstâncias difíceis, com exemplos notáveis de destacamentos em crises como a Somália, o Sudão e a República Centro-Africana, entre outras.” Estas missões, afirmou, demonstraram a capacidade da UA para actuar “de forma decisiva na defesa da paz, da segurança e dos princípios democráticos.”

Bah disse que a força de segurança “deve continuar a evoluir” à luz de um cenário de segurança continental em constante mudança. Indicou três preocupações específicas: o aumento dos actores não-estatais, os efeitos crescentes das mudanças climáticas nos conflitos e a necessidade de abordagens mais abrangentes para tratar as causas profundas da instabilidade.

Acrescentou que ameaças como a guerra assimétrica, o terrorismo, as pandemias e as catástrofes provocadas pelo clima exigem que a força se adapte e inove para se manter relevante e eficaz. Disse ainda que a força terá de reforçar a sua capacidade para enfrentar ameaças não convencionais, ameaças cibernéticas e pandemias, sem deixar de responder aos conflitos tradicionais.

Um soldado moçambicano descansa durante exercícios no âmbito da Força Africana em Estado de Alerta da União Africana. REUTERS

MISSÃO DE ASSISTÊNCIA MILITAR CONTINUA OPERACIONAL EM MOÇAMBIQUE

DEFENCEWEB

A Missão de Formação da União Europeia em Moçambique ensinou ao pessoal moçambicano o controlo aéreo táctico, incluindo a cooperação ar-solo, antes de terminar com uma graduação em Agosto de 2024 e dar lugar a uma nova missão.

No dia 1 de Setembro de 2024, teve início a Missão de Assistência Militar da UE em Moçambique (EUMAM). O projecto insere-se no âmbito da Política Comum de Segurança e Defesa da UE, que permite que o bloco actue em relação aos desafios de segurança a nível mundial, apoiando os países parceiros quando solicitado.

A EUMAM prestará formação militar abrangente e apoio consultivo às forças moçambicanas. A missão irá ajudar as forças de reacção rápida das Forças Armadas de Defesa de Moçambique (FADM) a atingir um ciclo operacional sustentável, em conformidade com o direito humanitário internacional, o mais tardar até Junho de 2026.

O ciclo operacional sustentável abrange a preparação, o destacamento e o apoio como uma “contribuição significativa para um ambiente seguro e protegido para a população de Cabo Delgado.”

Na missão anterior, a UE formou 11 forças de reacção rápida das FADM e certificou 100 instrutores moçambicanos. A nova missão melhorará a capacidade de combate ao terrorismo das FADM, apoiará a protecção de civis, promoverá os direitos humanos e respeitará o direito humanitário internacional. Comandos e fuzileiros navais moçambicanos treinados já estão no terreno.



Comandos moçambicanos participam num ataque simulado perto de Moamba, em Agosto de 2024.

TÉCNICO SARGENTO CHRISTOPHER DYER/FORÇA AÉREA DOS EUA



Conferência Sobre o Poder Marítimo Produz Objectivos de Cooperação

DEFENCEWEB

Quinze países africanos, incluindo a anfitriã África do Sul, participaram no Simpósio sobre o Poder Marítimo em África e aprovaram nove resultados fundamentais para o futuro da cooperação marítima.

O simpósio da Cidade do Cabo, o quinto do género, terminou no final de Outubro de 2024 com um compromisso de unidade. A revista *Military Africa* informou que o simpósio abordou quatro temas principais:

- **Segurança marítima:** fazer face ao poder marítimo e às ameaças marítimas.
- **Justiça azul:** alargar o Estado de direito e a protecção de direitos humanos.
- **Economia azul:** defender e policiar os interesses económicos marítimos.
- **Saúde dos oceanos:** reforçar as capacidades de policiamento e da guarda costeira.

No topo da lista dos principais resultados está o reforço da colaboração regional, explicado pela necessidade de eliminar os obstáculos à cooperação internacional, partilhar informações sobre o domínio marítimo e realizar regularmente exercícios marítimos conjuntos. Outro resultado foi a aceleração da implementação da Estratégia Marítima Integrada Africana 2050, através de patrulhas marítimas conjuntas, “reforçando a partilha de informações entre os centros de conscientização do domínio marítimo” e começando a tornar a Zona Marítima

As forças do Serviço de Barco Especial da Marinha Nigeriana navegam para capturar piratas numa operação simulada durante um exercício militar. AFP/GETTY IMAGES

Exclusiva Combinada de África uma realidade.

O Instituto de Estudos de Segurança refere que o estabelecimento da Zona Marítima Exclusiva Combinada de África é um objectivo da Estratégia Marítima Integrada de África. A intenção é criar “um espaço marítimo comum para facilitar os benefícios geoestratégicos, económicos, políticos, sociais e de segurança e minimizar as ameaças transnacionais.”

Outros resultados adoptados foram:

- Apoiar a Carta Africana sobre Protecção e Segurança Marítima e Desenvolvimento, conhecida como Carta de Lomé.
- Dar prioridade ao envolvimento das marinhas africanas e das indústrias de defesa africanas nas aquisições navais.
- Apelar para a realização de conferências sobre o futuro poder marítimo em África de dois em dois anos, com a Nigéria como anfitriã em 2026.

Os países representados no simpósio foram África do Sul, Angola, Argélia, Burundi, Camarões, Egipto, Gana, Guiné Equatorial, Quênia, Malawi, Namíbia, Nigéria, República Democrática do Congo, Senegal e Togo.



Quenianos e Nepaleses Treinam na RDC

MINISTÉRIO DA DEFESA-QUÊNIA

As forças de reacção rápida do Quênia e do Nepal concluíram com sucesso um exercício de treino conjunto no leste da República Democrática do Congo.

A Missão de Estabilização da Organização das Nações Unidas na República Democrática do Congo (MONUSCO) conduziu o treino de Outubro de 2024, que tinha como objectivo melhorar a preparação das tropas para responder rápida e eficazmente às ameaças dos grupos armados na região, em conformidade com o mandato da missão de proteger os civis e promover a estabilidade.

O exercício envolveu um treino intensivo para missões de inserção e reforço aéreo. Abrangeu um vasto leque de competências operacionais, como a orientação no terreno, o patrulhamento a pé e em veículos, a comunicação via rádio, a leitura de mapas e a navegação. As forças também treinaram em cuidados táticos a vítimas de combate, reconhecimento de alvos próximos, incursões, emboscadas e rappel — competências essenciais para destacamentos táticos rápidos.

Entre o aumento das patrulhas de segurança destinadas a proteger os civis de forças hostis, a formação conjunta reforçou a capacidade das forças para se coordenarem e responderem rapidamente a situações de emergência.

O Tenente-Coronel Simon Seda, comandante da Força de Reacção Rápida do Quênia, sublinhou a importância da colaboração.

“Esta formação reforça a nossa capacidade de mobilização rápida e de execução de missões em ambientes difíceis,” afirmou. “A coordenação entre as forças quenianas e nepalesas permite-nos responder sem problemas a quaisquer pedidos de socorro na nossa área de operação.”

Esta sessão de formação fazia parte de uma série de exercícios entre contingentes no âmbito da MONUSCO, com o objectivo de combater a ameaça representada pelos grupos armados no leste da RDC.

Forças quenianas treinam na República Democrática do Congo.

MINISTÉRIO DA DEFESA DO QUÊNIA

Índia e África do Sul Empenhados no Pacto de Resgate

DEFENCEWEB

A Índia e a África do Sul entraram num acordo de cooperação naval adicional que inclui o resgate de submarinos. Os dois países assinaram um acordo de execução, o que constitui mais uma prova do que é designado por “um compromisso comum em matéria de segurança marítima e de apoio mútuo.”

Se necessário, a Marinha Indiana utilizará um dos seus dois veículos de resgate de submersão profunda (DSRV) em alturas de crise. O acordo surge após o Milan, um importante exercício da Marinha Indiana, em Visakhapatnam, sede do seu Comando Naval Oriental. Durante o exercício, a Índia demonstrou a embarcação de resgate e terá oferecido os seus serviços a países amigos, numa extensão da diplomacia de defesa indiana.

Um relatório apresentado após a demonstração do Milan refere que o resgate submarino começa com a localização da embarcação subaquática “em perigo ou afundada,” seguindo-se o resgate de sobreviventes. As pessoas presas em submarinos têm três saídas — utilizar a escotilha de fuga, escapar pelos tubos de torpedo ou ser resgatadas por um DSRV.

As embarcações de resgate especializadas podem ser montadas em navios ou transportadas por via aérea. A Índia tem ambas as capacidades. Segundo consta, podem funcionar a profundidades até 650 metros.

Os DSRV operados pela Marinha Indiana são projectados e construídos conjuntamente pelo estaleiro Hindustan Shipyard Visakhapatnam, que liderou o desenvolvimento com tecnologia de base fornecida por uma empresa de Aberdeen, na Escócia.

Em 2021, um DSRV indiano participou nas operações de resgate do malogrado submarino da Marinha Indonésia Nanggala-402, que se afundou a norte de Bali. Todos os 53 membros da tripulação morreram na sequência do que se designou por “implosão” a bordo. Os destroços do submarino foram descobertos três dias depois de uma grande busca a 10 milhas náuticas do ponto do último contacto.

A adição da capacidade do DSRV indiano dá à Marinha da África do Sul uma capacidade de resgate em águas profundas de que não dispunha anteriormente, estando apenas disponível para os submarinistas o sistema de segurança de fuga da torre.

A Marinha Indiana utiliza estes submersíveis para efectuar operações de resgate em alto mar e assinou um acordo com a África do Sul para prestar assistência em caso de necessidade. JFD





RAINHA ACHIVANJILA

Protectora do Seu Povo

EQUIPA DA ADF

Os pormenores da vida da Rainha Achivanjila, que governou o povo Macua no actual território de Moçambique durante os finais do século XIX, foram transmitidos de geração em geração. A história carece de alguns pormenores, mas é evidente que a rainha enfrentou obstáculos formidáveis.

O seu reino é actualmente conhecido como Niassa, uma província escassamente povoada no norte de Moçambique. Pensa-se que terá governado entre cerca de 1865 e 1870, altura em que Portugal era a potência colonial no seu território. Teve de negociar uma via política para manter os portugueses à distância e, ao mesmo tempo, convencer o seu povo de que estava em vantagem.

A tradição oral diz que ela chegou ao poder depois de desafiar o seu marido, o rei, para resgatar aldeões que ele tinha vendido como escravos a comerciantes holandeses. Actualmente, na Cidade do Cabo, na África do Sul, existe um bairro com descendentes de escravos resgatados pela rainha.

Chegou ao poder no âmbito de uma estrutura matrilinear tradicional em que o estatuto social e a herança são transmitidos através das mulheres. Enquanto governante do seu reino, teve de se orientar pelo sistema colonial patriarcal favorecido pelos portugueses e por alguns reinos vizinhos. É quase certo que teve de envolver-se diplomaticamente com os portugueses, dando a impressão de ser um aliado.

Governou enquanto o cristianismo e o islamismo se difundiam na região, o que teria ameaçado a liderança, os costumes e os sistemas de crenças do seu povo. Passou a contar com as mulheres poderosas do seu reino, que

tinham acesso à terra, ao poder político e estavam envolvidas em assuntos militares. É amplamente aceite que Achivanjila expandiu as redes de comércio dentro do seu reino e encorajou o desenvolvimento de relações com mercadores costeiros, o que garantiu ao seu povo uma certa prosperidade. Considerava-se também que era uma hábil estratega militar, defendendo com sucesso o seu reino contra reinos rivais.

No entanto, o seu legado reside no tratamento dos escravos, em que utilizou os seus conhecimentos de medicina tradicional para ajudar as pessoas que estavam a ser levadas para a costa para o tráfico de escravos e salvou muitas delas da morte. Organizou um exército para proteger as suas fronteiras, o que também ajudou a evitar as incursões de escravos.

Apesar de ser em grande parte cerimonial, o título de “Rainha do Niassa” sobrevive até aos dias de hoje, sendo uma das últimas monarquias africanas lideradas por mulheres. O prestígio do título é tal que, quando a Rainha Abibi Achivanjila V morreu em Abril de 2023, aos 96 anos, o então Presidente de Moçambique, Filipe Nyusi, assinou a sua morte com as seguintes palavras: “Não pudemos impedir que a nossa venerada amiga comum, a Rainha do Niassa, passasse para a eternidade durante as celebrações da Páscoa e em pleno Ramadão.”

Os seus sobreviventes são seis filhos, 32 netos e 46 bisnetos. A sua sucessora, Bibi Achivanjila VI, continua a linhagem e as tradições da sua antecessora. A província do Niassa continuou a honrar a sua rica história cultural e tradição monárquica ao promover o primeiro Festival da Rainha Achivanjila em Abril de 2024.

DICAS

- 1** Com uma superfície de 42 hectares, foi um exemplo de desenvolvimento urbano nas fronteiras do Império Romano.
- 2** O local apresenta indícios de várias civilizações de 1.000 anos de ocupação.
- 3** No local foi encontrada uma quantidade substancial de material artístico, como mosaicos, estátuas de mármore e bronze e centenas de inscrições.
- 4** Foi a capital do reino mauritano durante os reinados de Juba II e Ptolomeu.





PARTILHE O SEU CONHECIMENTO

Deseja ser publicado?

A Africa Defense Forum (ADF) é uma revista militar profissional que serve como um fórum internacional para militares e especialistas de segurança em África.

A revista é publicada trimestralmente pelo Comando Africano dos Estados Unidos e aborda temas como estratégias de combate ao terrorismo, operações de defesa e segurança, crime transnacional e questões que afectam a paz, estabilidade, boa governação e prosperidade.

O fórum permite que haja um debate aprofundado e intercâmbio de ideias. Gostaríamos de ouvir a opinião de pessoas das nossas nações parceiras africanas que compreendem os interesses e os desafios do continente. Submeta um artigo para publicação na ADF e deixe a sua opinião ser ouvida.

Normas para Publicação de Artigos na ADF

REQUISITOS EDITORIAIS

- A preferência é para artigos com aproximadamente 1.500 palavras.
- Os artigos podem ser editados para se ajustarem ao estilo e espaçamento, mas a ADF irá colaborar com o autor quanto às alterações finais.
- Inclua uma pequena biografia sua com informações de contacto.
- Se possível, inclua uma fotografia sua de alta resolução e imagens relacionadas ao seu artigo com legendas e informações sobre os créditos da foto.

DIREITOS

Os autores mantêm todos os direitos sobre o seu material original. No entanto, reservamo-nos o direito de editar os artigos para que estejam em conformidade com os padrões do AP e do espaço. A apresentação do artigo não garante a sua publicação. Ao contribuir para a ADF, o autor concorda com estes termos.

SUBMISSÕES

Envie todas as ideias de reportagens, conteúdos e dúvidas para a Equipa Editorial da ADF através do e-mail ADF.EDITOR@ADF-Magazine.com. Ou envie a sua correspondência para um dos seguintes endereços:

Headquarters, U.S. Africa Command
ATTN: J3/Africa Defense Forum Staff
Unit 29951
APO AE 09751 USA

Headquarters, U.S. Africa Command
ATTN: J3/Africa Defense Forum Staff
Kelley Kaserne
Geb 3315, Zimmer 53
Plieninger Strasse 289
70567 Stuttgart, Germany



ESTÁ ANSIOSO PELA PRÓXIMA EDIÇÃO?

Em ADF-Magazine.com, trazemos para si uma cobertura aprofundada de questões da actualidade que afectam a paz e a estabilidade todas as semanas. Confira a nossa página da internet e tenha as mesmas notícias fiáveis e credíveis sobre segurança, trazidas semanalmente, cobrindo todo o continente.



FIQUE LIGADO

Caso queira ficar ligado nas redes sociais, siga a ADF no Facebook, Twitter e Instagram ou pode juntar-se à nossa lista de e-mails, inscrevendo-se na nossa página da Internet, ADF-Magazine.com, ou enviando um e-mail para News@ADF-Magazine.com.